



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

ISABEL SCHAPUIS WENDLING

**O QUE DIZIAM AS CRIANÇAS QUANDO ESCREVIAM CARTAS: AS
CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA ESCRITA DOS IRMÃOS BERTASO (1914 A
1929)**

CHAPECÓ

2018

ISABEL SCHAPUIS WENDLING

**O QUE DIZIAM AS CRIANÇAS QUANDO ESCREVIAM CARTAS: AS
CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA ESCRITA DOS IRMÃOS BERTASO (1914 A
1929)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para a obtenção de grau de licenciatura em
História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Machado

CHAPECÓ

2018

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Wendling, Isabel Schapuis

O que diziam as crianças quando escreviam cartas: AS
CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA ESCRITA DOS IRMÃOS BERTASO
(1914 A 1929)/ Isabel Schapuis Wendling. -- 2018.
65 f.:il.

Orientador: Ricardo Machado.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Chapecó, SC, 2018.

1. Escrita infantil. 2. Práticas de escrita no Oeste
Catarinense. 3. Gênero. 4. Escrita de si. 5. Cartas
familiares. I. Machado, Ricardo, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426
historia.ch@uffs.edu.br, www.uffs.edu.br

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos vinte e dois dias do mês de junho de dois mil e dezoito, às dezesseis horas e trinta minutos, nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Prof. Ricardo Machado (Orientador)**, **Prof. Fernando Vojniak (Avaliador)** e **Profª. Débora Clasen de Paula (Avaliadora)**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pela acadêmica **Isabel Schapuis Wendling** sob o título: "*O QUE DIZIAM AS CRIANÇAS QUANDO ESCREVIAM CARTAS: AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA ESCRITA DOS IRMÃOS BERTASO (1914 A 1929)*". 9,5 sendo considerado APROVADO.

Chapecó - SC, 22 de junho de 2018.

Prof. Ricardo Machado - Orientador

Prof. Fernando Vojniak – Avaliador 1

Profª. Débora Clasen de Paula - Avaliadora 2

“A carta de juventude é uma escrita do impulso e do voo em direção a outras aventuras literárias” (DIAZ, 2016, p. 75)

RESUMO

Com o intuito de analisar quais as diferenças na escrita infantil perante os gêneros feminino e masculino a presente pesquisa utiliza das cartas de dois irmãos: Elza e Serafim Bertaso enviadas no período de 1914 a 1930 aos pais. Nesse período, Elza e Serafim, ainda crianças, são enviadas para colégios internos e longe de casa passam a se corresponder com os pais como forma de manutenção do laço familiar e, por um tempo, como forma de demonstrar seus aprendizados escolares. Para analisar as cartas dos irmãos Bertaso foram examinadas três questões essenciais para identificar a formação desses indivíduos: a formação familiar, por serem de uma família de elite em formação, essa família buscou certos padrões de escolarização e seguia certos padrões sociais que influenciaram formação de cada indivíduo da família. A partir de uma contextualização histórica, unido com as informações sobre o pacto epistolar e as relações familiares foi possível pensar a constituição da família Bertaso, os laços familiares e quais as possíveis influências que deixaram aos filhos Elza e Serafim. Também foi analisado a escola e a educação para indivíduos de elite, diferenciado e contrastando a educação para a menina Elza, e a educação para o menino Serafim, utilizando dos relatos do cotidiano escolar contido nas cartas e boletins escolares, percebendo que a educação para Elza estava ligada a padrões femininos da época, influenciando-a a se tornar uma mãe e dona de casa, enquanto Serafim foi educado para se tornar um homem político, com uma educação militarizada que possibilitava a educação continuada do menino. Por fim se analisou a própria escrita como prática, percebendo as transformações que ao longo dos anos Serafim e Elza passaram, e como com o passar dos anos as influências e escolhas de aprendizados foram sendo apresentadas na escrita das cartas. Também observou como as interferências escolares e familiares se apresentavam e eram utilizadas na produção escrita das cartas pelos irmãos, notando as fugas dos padrões na escrita e nas interações sociais colocados para Elza e Serafim e como a partir da escrita de si foram construindo e percebendo suas subjetividades e formações individuais.

Palavras-chave: Escrita infantil. Práticas de escrita no Oeste Catarinense. Gênero. Escrita de si. Cartas familiares.

ABSTRACT:

The present study uses the letters of two siblings: Elza and Serafim Bertaso sent to their parents in the period from 1914 to 1930, in order to identify the differences in the children's writing in relation to the feminine and masculine gender. During this period, Elza and Serafim, who were still children, are sent to boarding schools, and being away from home they correspond with their parents as a way of maintaining the family bond and, for a time, as a way of demonstrating their school learning. In order to analyze the Bertaso siblings' letters, three essential questions were examined to identify the formation of these individuals: family formation, because they belonged to an elite family in formation, this family sought certain patterns of education and followed certain social patterns that influenced the formation of each family member. From a historical context, together with the information about the epistolary pact and family relations, it was possible to think about the constitution of the Bertaso family, the family ties and the possible influences left on the children Elza and Serafim. It was also analyzed the school and the education for elite individuals, differentiated and contrasting the education for the girl Elza and for the boy Serafim, using the school's daily comments contained in the letters and school reports, realizing that the education for Elza was based on the feminine standards at the time, influencing her to become a mother and housewife, while Serafim was educated to become a politician, with a militarized education that the continued education possible for the boy. Finally, the writing itself was analyzed as a practice, realizing the transformations that Serafim and Elza had been thought over the years, and how the influences and choices of learning were presented in the writing of the letters. We have also observed how the school and family interferences were presented and used in the written production of the letters by the siblings, noticing the leaks in the writing patterns and the social interactions placed for Elza and Serafim, and how, from the writing itself, they were constructing and realizing their individual subjectivities and formations.

Keywords: Children's writing. Practices of writing in the West of Santa Catarina. Gender. Self writing. Family Letters.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Programa do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.	26
Figura 2: Boletim Escolar de Elza Bertaso, 1915, Colégio Nossa Senhor do Bom Conselho	29
Figura 3: Detalhe do Timbre na carta de Serafim Bertaso. 1921. N.....	31
Figura 4: Boletim escolar de Serafim Bertaso, pode ser observado o número de inscrição (227). Colégio Anglo-Brasileiro, 1921.	33
Figura 5: Carta de Elza Bertaso, 1914. E.....	37
Figura 6: Carta de Elza Bertaso, 1915. Q -Primeira parte	38
Figura 7: Carta de Elza Bertaso, 1915. Q - Segunda Parte	39
Figura 8: Carta de Elza Bertaso, 1915. Q - Terceira Parte	40
Figura 9: Timbre do Colégio Nossa Senhor do Bom Conselho, 1916.....	41
Figura 10: Carta de Elza Bertaso à mãe, enviada antes de entrar no colégio, 1920. K	44
Figura 11: Carta de Serafim a mãe. 1920. O.....	48
Figura 12: Carta de Serafim aos pais. 1922. P	50
Figura 13: carta de Serafim Bertaso aos pais. 1927. Q.....	53
Figura 14: Carta com poema "Chapecó" escrito por Serafim. 1928. M	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A CONSTRUÇÃO DOS INDIVDUOS NA FAMÍLIA DE ELITE	19
2.1	GÊNERO E FAMÍLIA DE ELITE:	21
2.1.1	As cartas como alternativa deanálise das relações familiares	22
2.2	A EDUCAÇÃO PARA FILHOS DA FAMILIA DE ELITE	25
3	AS PRÁTICAS DE ESCRITA INFANTIL	35
3.1	CARTAS DE ELZA BERTASO	36
3.1.1	As Primeiras Cartas (1915-1918)	36
3.1.2	Nova escola, Nova escrita nas cartas de Elza 1919 a 1923	42
3.2	CARTAS DE SERAFIM BERTASO	46
3.2.1	Primeiras Cartas 1920 a 1922	46
3.2.2	Segunda Fase na Escrita de Serafim	51
3.3	QUESTÕES DE GÊNERO E A ESCRITA DE SI	57
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	FONTES:	64
	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Em 1918, Elza Bertaso, então uma menina de 13 anos, escreve uma carta com o seguinte teor:

Minha querida Mamãe
Deu-me muita alegria tua cartinha. Eu estou muito boa. De minhas nevalgias estou muito melhor. Não te escrevo carta por falta de tempo. Temos exame de arithmetica amanhã. [...] (BERTASO, E., 1918. A)

Na carta, descreve sua saúde, que afirma estar melhor das “nevalgias¹”, e passa a se desculpar sobre as poucas cartas respondidas, devido aos estudos e falta de tempo. Essa carta compõe um arquivo epistolar de irmãos, que ainda crianças, afastados de sua família, escrevem cartas aos pais. Tais cartas nos permitem discutir sobre as possibilidades que se tem de uma criança do início do século XX a escrever, pensando na própria escrita infantil como um acontecimento histórico, questiona-se sobre o que ela pode escrever e o que meninas e o que meninos podem dizer.

Primeiramente nos cabe refletir sobre a escrita infantil, que até o século XIX era uma prática incomum, excetuando-se quando se tratava de uma escrita escolar. Durante muito tempo, as crianças não ocuparam o espaço da escrita que as permitissem escrever em diários ou cartas. Com os processos de escolarização em massa, há o aparecimento dessa prática até então incomum. Por vezes, essa quase inexistência de escrita infantil ocorria devido à falta de necessidade da troca epistolar, a falta de contatos, pois até esse período, a escrita de cartas estava ligada somente a poucas pessoas por não ser uma prática muito comum pois o mundo estava mais ligado a oralidade devido ao pouco acesso que se tinha a alfabetização. Outras vezes, devido ao valor que os materiais de escrita possuíam, o papel e a caneta tinteiro tinham alto custo, que não interessava ser gasto para atividades infantis. As cartas de Elza e Serafim Bertaso estão inseridas em um momento de início da escrita epistolar infantil, incentivado pelas escolas, as crianças passam a ter acesso a materiais de escrita e a ter conhecimento da normatização da pratica epistolar.

Além disso, é necessário pensar em quem tinha o conhecimento da escrita e o direito de expor seus pensamentos na forma escrita ou na fala pública, foi por muito tempo uma prática de domínio masculino. Roger Chartier afirma que, a partir do século XIX, as mulheres tiveram

¹ Dor intensa provocada por irritação ou lesão de um nervo. TREVISAN, Rosana et al (Comp.). **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/nevralgia/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

mais acesso a escola, mas muitas vezes, até o século XVIII, aprendiam mais a ler do que a escrever, ao mesmo tempo, há um aumento no percentual de homens com acesso ao ensino de escrita. (CHARTIER, 2009, p. 119). Além disso, a escolarização, especialmente para as mulheres era voltada ao ensino da leitura e não da escrita, desenvolvendo pouco a habilidade de escrita, improvisando ou praticando por vezes com a abertura da escrita dos diários íntimos.

A escrita de cartas fez parte, por muitos anos, de um cotidiano entre intelectuais, mulheres, homens, famílias e amigos que por vários motivos - sejam administrativos, comerciais, intelectuais, profissionais, etc. utilizavam da troca de cartas para manter a chama do relacionamento acesa, ou seja, manter seus relacionamentos estáveis e aproximar, diminuir a distância entre os correspondentes. Entretanto, os momentos de escrita de cartas permitiam não somente a manutenção de relacionamentos, mas também, por conta da distância física e temporal, a carta passava por longos momentos de reflexão para ser construída, em que o escritor refletia sobre suas vivências, suas expectativas, fazendo assim a chamada escrita de si.

A escrita de si é uma forma de escrita muito específica, que se apresenta em sua maioria na primeira pessoa, compõe especialmente documentos como cartas e diários. Essa prática se constitui no ato do autor refletir sobre suas vivências, cotidiano e as relações que o permeiam. “Nos documentos que a expressam, entre elas as cartas, a palavra constitui o meio privilegiado de acesso a atitudes e representações do sujeito.” (MALATIAN, 2015, p. 196). Portanto, é “a comunicação epistolar uma das manifestações mais evidentes de escritura subjetivo e existencial” (GÓMEZ, 2002, p. 18). A carta se torna um meio de relação de conversa que leva consigo notícias e histórias já passadas e por vezes ao chegarem ao correspondente, desatualizadas, devido ao tempo em que levava entre a chegada de uma carta a outra se percebe a existência de um vácuo entre elas. Essa relação epistolar por muitos historiadores tem sido chamada de “conversação entre ausentes” (GÓMEZ, 2002, p. 17), relação essa que permitia maior abertura para os escreventes “falar” sobre si, com menor medo de julgamentos, com maior tempo para desenvolver suas ideias e expressá-las aos seus correspondentes. Não foi por nada que alguns historiadores denominam esse período como a sociedade da intimidade, pois é no século XIX e XX que a troca de cartas íntimas e a escrita de diários íntimos se torna uma prática com maior adesão da população.

Essa reflexão era, no caso das cartas, compartilhada entre os correspondentes, que poderiam ser amigos, familiares, algum colega de trabalho, etc. Por isso, as cartas, unidas à escrita de si, tornam-se também um meio de controle de civilidade, especialmente entre famílias burguesas.

Essa mesma sociedade da intimidade, que estimulou e divulgou as práticas da escrita de si, exigiu que essas novas e espontâneas formas de expressão do ‘eu’ fossem também codificadas. Ou seja, que a sinceridade, como os demais sentimentos fosse submetida a mecanismos de contenção e aceitação social. (GOMES, 2004, p. 16)

Portanto, a escrita de si passa por uma diferente perspectiva, em que o autor passa não somente a refletir sobre si, mas ao mesmo tempo, busca adentrar aos padrões e expectativas as quais a sociedade tinha sobre o sujeito. Marlon Salomon, em seu livro *As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale de Itajaí* propõe-se a refletir sobre o problema da escrita vigiada ao pensar as cartas de uma filha ao pai, que assume a ele que sua mãe dita a ela o que escrever, sendo contra sua vontade, a garota recorre em outras cartas ao pai, escrevendo da forma que a interesse, em uma escrita sem vigilância:

Podemos acreditar que inúmeras outras cartas que aparecem ao historiador que aparecem como ‘reveladoras’ de determinados fatos ou acontecimentos escondem, atrás da força ilustrativa de algum exemplo, o fato de terem sido produzidas contrariamente ao desejo de seu autor (SALOMON, 2002, p. 62)

A escrita de si passa nesse momento por uma reformulação, pois quem está escrevendo a carta coloca-se nela de forma que seu leitor possa compreender e aceitá-lo. Essa escrita passa pela subjetivação do indivíduo no momento da escrita, o qual se encontra em determinados momentos e situações de sua vivência e passa a refletir sobre ela da forma que lhe é permitido. Salomon, repara também sobre como o escritor pode, por vezes, sofrer interferências de outras pessoas no ato da escrita. Mulheres sendo influenciadas pelos maridos, crianças pelos pais ou professores, por exemplo. Contudo, não se deve tomar essas escritas como escritas “falsas”, invalidando-as. Na verdade, o autor as assume como um ponto de vista positivo para se refletir sobre as práticas de escrita e a constituição do sujeito nelas.

Entretanto, as cartas possuem um intuito inicial, que é de manutenção e reafirmação de laços afetivos, familiares, amigáveis. Cabe pensar na relação tomada entre essas pessoas, como afirma Maria Teresa do Santos Cunha, “a troca de intimidades e sentimentos permite pensar sobre um pacto epistolar” (2013, p. 120) Considerando esse pacto, um tratado informal entre os correspondentes, que confirma e afirma a relação entre os escreventes, pacto esse que só é firmado quando ambos correspondentes atentam em escrever, tanto quanto o outro, e cada um vai se revelando conforme o pacto vai se firmando, os laços do relacionamento vão se amarrando.

A carta permite ao historiador compreender muito mais que atos mundanos do cotidiano, como afirma Maria Teresa do Santos Cunha, através de uma análise de cartas de amigas

professoras, conclui que o uso de fonte autobiográficas, como o caso das cartas “[...]os documentos privados, agora publicizados, podem fornecer informações e indícios sobre o cotidiano, formas de ver o mundo através de fatos comuns da experiência humana, hábitos, costumes”. (CUNHA, 2013, p. 139)

O uso de arquivos epistolares pode ser interessante para pesquisas históricas, pois oferecem novos pontos de vista que trabalham com a questão individual e coletiva na construção do pensar e do escrever. Propõe-se assim, para esta pesquisa, essa perspectiva de análise das cartas, que indica um exame de toda a relação que envolve o arquivo epistolar, pensando não somente nas descrições que possuem as cartas, mas também o contexto que as envolve. Os estudos de arquivos epistolares muitas vezes se fecham a um determinado epistolário, sem que os “analisem a partir da historicidade que os constituiu. Não há uma arquivologia das correspondências” (SALOMON, 2010, p. 1) O autor afirma sobre a necessidade de compreender e estudar mais o que envolve todo o arquivo, pensando além do conteúdo escrito da carta, como também observar toda a motivação que envolve a criação desse documento, desde quem escreve para quem recebe. Pois não se tem o objetivo de utilizar essas cartas para um estudo de certa história regional, mas estudo das práticas de escrita e da formação e/ou constituição do indivíduo a partir da escrita.

Perceber a escrita de epístolas como uma prática de escrita, permite ao historiador uma análise mais precisa sobre o documento, não refletindo somente sobre aquilo que está escrito nas cartas, mas também sobre quem, onde, para quem e porquê escreve. Essa forma de análise permite perceber a carta como uma prática comum, que esteve ligada a um cotidiano muito presente nas culturas da sociedade ocidentais do século XIX. É por conta dessa cultura que atualmente vemos disponíveis vários arquivos epistolares, compostos por cartas de mulheres, famílias, crianças.

É possível refletir também sobre as influências da escola na escrita de cartas, pois muitas vezes elas tomavam a de escrita epistolar como prática de ensino. Ângela de Castro Gomes, ao abordar a influência que a escola tem nas construções epistolares diz: “Cartas são assim, um tipo de escrita que tem fórmulas muito conhecidas, porque são aprendidas, inclusive nas escolas” (GOMES, 2004, p. 20). Nesse momento há o aumento dos usos dos manuais e secretários, que tinham a finalidade de guiar o autor das cartas na sua escrita. Esses manuais possuem exemplos e guias para conduzir uma boa carta, tornando-a um “instrumento de adestramento social” (DIAZ, 2016, p. 83)

E, apesar das cartas serem usadas como matéria de ensino nas escolas para crianças de ambos sexos, no século XIX, a prática de escrita de si, em cartas e diários, é uma prática mais

comum às mulheres. Antônio Castillo Gómez afirma que apesar de fazer parte do cotidiano das pessoas, tomadas “como refúgio do privado, as cartas foram também uma das práticas de cultura escrita mais frequentadas pelas mulheres” (GÓMES, 2002, p. 16). Isso devido ao aumento de pessoas, inclusive mulheres, alfabetizadas no século XIX, dessa forma, abrindo espaço para manifestação feminina. Pois é um dos poucos momentos de fuga do cotidiano familiar “para as muitas mulheres 'comuns', o gênero epistolar permanecerá a única tribuna acessível, a meio caminho entre o espaço fechado da família, no qual estão confinadas, e a cena pública onde a tomada da palavra ainda lhes é proibida” (DIAZ, 2016, p. 26-27).

Assim cabe refletir sobre os papéis tomados no ato de escrita de cartas para cada gênero. Há a possibilidade de num primeiro momento as cartas possuírem os mesmos usos, contudo, adentrando em suas especificidades, cartas de mulheres e cartas de homens podem apresentar diferentes formas e atributos. O espaço que foi concedido às mulheres estava ligado a relação do papel delas na sociedade, na escrita íntima, fechada às cartas e diários pessoais. Brigitte Diaz, na busca de compreender o surgimento dessa ideia que toma o gênero epistolar como uma escrita das mulheres, afirma que essa ação estava relacionada às práticas culturais que foram uma forma das mulheres conseguirem refletir e se manifestar através da escrita:

Se, manifestadamente, as mulheres do século XIX encontraram na expressão epistolar a mediação mais fácil em direção à escrita de si, mas também em direção a uma palavra socializada, talvez não se deva atribuir sistematicamente às mulheres o gênero epistolar, como os críticos literários do século XIX fizeram com o estilo epistolar” (DIAZ, 2016, p 215)

Dessa forma, a diferenciação da relação do homem/mulher com as cartas, poderia estar altamente vinculada às funções, ou papéis, tomados para o homem e a mulher na família brasileira no XIX e XX. A mulher, nesse período, tinha uma função estritamente ligada ao cuidado familiar e da casa, criar, educar e alimentar os filhos e o marido, além de manter forte a relação entre a família. A mulher “carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros que fundamentava a lógica patriarcal de mantê-la afastada dos espaços públicos.” (OLIVEIRA, 2008, p. 1) Diferente do homem, que era quem trazia o dinheiro para a casa, quem trabalhava fora, seja na agricultura, comércio, etc., além disso, o homem era quem detinha maior autoridade sobre sua esposa e filhos, tornando essa formação familiar, um modelo patriarcal e uma vida pública. “Esse modelo de família tradicional assentava-se na preocupação com as tradições, com a conservação e ampliação do patrimônio e a transmissão da herança”(SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p. 2) Assim, a escrita de cartas para as mulheres possuía um significado diferente do que para os homens. As mulheres conseguiam escrever

mais sobre os sentimentos, sobre o cotidiano por serem mais delicadas e conseguirem escrever de forma impulsiva. Os homens, normalmente já possuíam uma aproximação com a vida intelectual escrevendo por vezes com maior cuidado às normas e escrevendo de forma mais literária, por vezes escrevendo mais sobre questões públicas e externas a vida privada. Seria então, para Diaz, a carta considerada um gênero feminino como forma de diminuir a escrita epistolar a um gênero inferior que estava ligada as mulheres por não terem essa aproximação com o intelectual e científico.

As cartas a serem analisadas nesta pesquisa são parte do arquivo da família Bertaso, correspondências enviadas na infância por Elza e Serafim aos seus pais Ernesto e Zenaide Bertaso. Esse arquivo foi guardado pela família e, mais tarde, doado ao arquivo do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Só esse ato já revela uma atitude memorialística da família, pois “conservar e classificar as cartas permite mostra-las aos filhos, aos netos e aos descendentes.” (DAUPHIN; POUBLAN, 2002p. 81).O que permite que essas cartas formem uma memória familiar, possibilitando que se instrua seus herdeiros. O caso das cartas da família Bertaso passam por uma questão de guarda ainda mais ativo do que no caso de arquivos comuns, pois o arquivo que não possui somente cartas, mas apresenta uma documentação bastante vasta, como memorando, boletins escolares, cartões postais, documentos pessoais, somando aproximadamente 722 documentos. Após a doação ao CEOM, foi tombado como patrimônio pela lei municipal n. 3.202 de 09 de agosto de 1993. Isso devido à significação tomada pelo município a essa família, pois a colonizadora Bertaso, Maia e Cia e mais tarde colonizadora Bertaso, que foram uma das responsáveis pela colonização da cidade de Chapecó-SC, foi criada por Ernesto Bertaso.

Ao longo das últimas décadas, erigiu-se em torno da família Bertaso uma memória como representante da colonização do Oeste Catarinense. Sua memória foi muito valorizada e exaltada por governos da cidade, com a construção de estatuas, como o busto de Ernesto Bertaso, e em 2017 com três estatuas de bronze², além da produção de artigos e pesquisas voltadas a história de Chapecó que se debruçam a estudar a família Bertaso e a sua empresa colonizadora. Formada por Ernesto Bertaso, a colonizadora *Bertaso, Maia e Cia* foi responsável pela venda e organização das terras nos arredores de onde é atualmente o município de Chapecó. Devido a isso, grande parte dos estudos acaba se desenrolando sobre as fontes da colonizadora e guiam principalmente estudos direcionados à construção física e cultural das cidades

² Essa estátua de Bronze representava os homens com importância para a formação de Chapecó: Ernesto Bertaso, o colonizador Ernesto Bertaso, o industrial Plínio Arlindo De Nês, fundador do frigorífico Chapecó, e Aury Bodanese, fundador das cooperativas Alfa e Aurora.

colonizadas pela empresa, voltando também para pesquisas da história política e da construção dessa sociedade. E é devido a isso parte do arquivo familiar foi doado a uma instituição como o CEOM.

Como resultado dessa construção de memória familiar, Maria Adelaide Pasquali Hirsch, filha de Elza Bertaso, através do arquivo de sua família, utilizou cartas, fotos, e documentos pessoais, para formar um livro que conta a história sobre de seu avô e sua família, trabalhando também como foi o momento da criação do município de Chapecó. O livro “Ernesto Bertaso de Verona a Chapecó”. Nele, Hirsch utiliza dos relatos, cartas e imagens de sua mãe Elza Bertaso, para construir uma história com fins memorialísticos. O livro possui uma narrativa biográfica familiar aproximado de uma estrutura romanceada, criando falas possíveis para certos momentos da história de seu avô e outros membros. E a carta tomava então em seu livro, como uma forma de ilustrar a verdade, ou de legitimação da memória familiar.

Já em 2015,^a então estudante do curso História, Paula Marisa Simon defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso(TCC) apresentado na Universidade Federal da Fronteira Sul, com sua pesquisa intitulada: “Queridos Paes: uma história da escrita epistolar no oeste catarinense através das cartas de Elza Bertaso à sua família”. Nele, a autora, analisa por uma perspectiva histórica das práticas de escrita, como se formou o arquivo familiar dos Bertaso, a partir das cartas enviadas por Elza Bertaso nos anos de 1915 a 1918, considerando o pacto epistolar, as influências escolares e a escrita de si.

Foi pensando em um aprofundamento dessas e outras questões, que se iniciou essa pesquisa, inicialmente com o projeto de pesquisa financiado pela FAPESC³, se teve o objetivo de estudar e analisar as práticas de escrita do Oeste Catarinense. Contudo neste momento se propôs estudo realizar uma reflexão sobre como se formavam e se apresentavam as diferenças das cartas de meninos e meninas. A partir da escrita de si nas cartas de Elza e Serafim, buscou-se compreender as influências sociais e escolares na escrita e na construção individual para as suas funções na sociedade. Assim, utilizar as cartas de dois jovens, traz a possibilidade de perceber as construções das crianças para adultos prontos para a vida social que lhes estava prescrita.

Essa família de elite⁴ investia para que seus filhos se preparassem para seguir determinados papéis sociais, atravessados por uma educação específica. Por exemplo, a filha:

³Pesquisa intitulada: Práticas De Escrita No Oeste Catarinense: Uma História Da Escrita Epistolar A Partir Do Acervo Da Família Bertaso, orientada pelos professores: Dr. Fernando Vojniak e Dr. Ricardo Machado.

⁴ Por se tratar de uma família economicamente privilegiada, pois se utilizou da venda de terras e da formação de uma região para se beneficiar, assumiremos o termo de “família de elite”.

casar, ter filhos e bem educa-los. E os meninos, estudar, e seguir em carreira política, ou empregos de grande status social. Para isso, enviá-los para a escolas de grande prestígio, que tivessem determinado reconhecimento, e que, por muitas vezes, escolas privadas e de alto custo. No final do século XIX e início do XX, o estudo se tornava de suma necessidade para perpetuar ou fortalecer o status social e econômico familiar, isso até mesmo para a menina. Como no século XX a educação dos filhos na escola passa a ser de grande importância, a mãe teria a responsabilidade de ajudar nessa educação antecipando e preparando os filhos para terem civilidade e uma educação mínima, para saberem receber e utilizar de boa forma a educação escolar:

Nessa cruzada reformista dos costumes e das pessoas, a mulher é identificada como a grande responsável por garantir a boa ordem no lar e, sobretudo, por possibilitar que a família passe a incorporar, cada vez mais, referências escolares/escolarizadas de gerir o mundo doméstico e a educação dos filhos. Para isso, também, e principalmente, as mulheres precisam ser reeducadas, pois, para bem educar, não basta amar, é preciso conhecer e compreender as necessidades infantis. (FARIA FILHO, 2000, p. 47)

Assim, objetiva-se com esta pesquisa, analisar as cartas de Elza e Serafim Bertaso para compreender as diferenças na escrita epistolar a partir de um estudo de gênero. Será analisado o contexto familiar e escolar em que se encontravam. Também como objetivos específicos, perceber a partir das escritas epistolares quais as influências tomadas por Elza e Serafim na constituição dos sujeitos e o aparecimento na escrita de cartas; observando a formação do pacto epistolar e a utilização das cartas como manutenção do vínculo familiar. E por fim perceber quais as diferenças na produção de cartas e escrita de si através da diferença de gênero. Pensando a partir do conceito formulado por Joan Scott, tomando gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” compreendendo “como uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1990, p.86).

As cartas que foram selecionadas fazem parte, como já assinalado, de um arquivo familiar bastante amplo, mas que apenas parte dele foi disponibilizada para pesquisadores terem acesso. Os anos selecionados são de 1915 – ano em que Elza Bertaso vai para a escola de Porto Alegre – até 1929, último ano de Serafim no colégio. O conjunto de cartas disponibilizados de Elza, soma aproximadamente cento e cinquenta cartas aos pais e de Serafim, soma noventa. Nesse período os irmãos estudavam em escolas distintas, permitindo que se faça a análise do objeto a partir dos objetivos da pesquisa.

Esta monografia será dividida em dois capítulos. O primeiro com o intuito de compreender família de elite, sua formação e afirmação a partir do envio dos filhos Elza e Serafim para diferentes escolas. É intitulado “A construção dos indivíduos na família de Elite”. O segundo capítulo “As práticas de escrita infantil”, tem como objetivo refletir sobre a relação entre crianças e escrita, e as influências escolares e sociais.

2 A CONSTRUÇÃO DOS INDIVÍDUOS NA FAMÍLIA DE ELITE

Construir uma família de elite e mantê-la no poder social esperado, não se trata apenas de possuir determinados padrões de vida e poder aquisitivo. Para que isso se torne realmente efetivo, é necessário tomar determinadas ações, que sejam capazes de elevar o *status* social e econômico, que permita cada vez mais aberturas para uma sociedade burguesa de elite. Unido a determinado momento histórico há uma tentativa de modernização dos costumes, através de um processo de higienização e educação, tentando romper com modelos coloniais, inclusive os antigos modelos familiares.

Em Chapecó, cidade do oeste de Santa Catarina, no início do século XX, a família Bertaso, imigrantes de origem italiana que migraram para o Rio Grande do Sul no ano de 1885, no qual trabalham no início com a agricultura, mas que os filhos dos imigrantes já passam a buscar construir e desbravar as terras do Brasil. (HIRSCH, 2005) Ernesto era em sua juventude, um viajante, ou melhor, um caixeiro-viajante: “Os caixeiros-viajantes asseguravam os vínculos entre as casas de comércio da capital ou das sedes coloniais com as mais afastadas picadas do interior” (VICENZI, 2008, p. 53) Levando mercadorias no lombo de burros, Ernesto passa a conhecer boa parte da região Sul do Brasil e recebe mais tarde, devido sua influência social, o título de coronel da Guarda Nacional.

É importante abordar aqui que o título de coronel dado à Ernesto Francisco Bertaso tomava mais um sentido de colonizador, e como um título de reconhecimento de importância entre os imigrantes. Assumindo uma posição um pouco diferente dos conceitos de coronelismo e coronel tomados no Nordeste do Brasil. Esse conceito na região de Chapecó, por conta da distância e acesso do governo estadual, o coronel era tomado como um líder que tinha o poder de proteção sobre os migrantes⁵. Contudo, afirma Vicenzi (2008, p. 54) o coronelismo em Chapecó, apesar de suas especificidades, ainda determinava a vida socioeconômica da população. Portanto, se torna claro a importância social e econômica a qual a família Bertaso possuía perante a sociedade do Oeste Catarinense.

As escritas de cartas pelos filhos de Ernesto Bertaso representam uma minoria existente na época. Como já comentado anteriormente, a escrita infantil estava relacionada a poucas situações possíveis, especialmente a escrita de cartas, pois para haver correspondentes, as crianças deveriam estar distantes de algum familiar ou amigo querido.

⁵Sobre a colonização de Chapecó, e a questão sobre coronelismo ler: VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008. 162 p.

As cartas de Elza e Serafim representam essas exceções de escrita infantil e foram possibilitadas devido a pertencerem a uma família de elite

Tratava-se de um período em que “os pais buscavam convencer os filhos de seguirem os caminhos que se adequavam às estratégias familiares mas, para isso, não se valiam apenas da autoridade paterna”(FARINATTI, 2007, p. 213). Assim, eram necessárias estratégias que levassem os filhos a seguirem e a se interessarem por tais caminhos. Por vezes, algumas famílias adiantavam a herança dos filhos para que se motivassem a seguir os caminhos indicados pelos pais, especialmente famílias de uma elite agrária. Já a família Bertaso opta, num primeiro momento, opta por uma estratégia educacional, levando os filhos para determinadas escolas. E é nessas escolas que passam a escrever suas cartas aos pais:

Queridos Paes.

Eis-me outra vez aqui meus caros Paes para lhes dar bons dias ou boa tarde pois agora aqui são quase 2 horas e meia da tarde. Esta tem por fim de dar-lhes notícias minhas, pois já fazem três semanas que não lhes escrevo e receio que os Senhores estão zangados com sua filhinha. Graças a Deus posso lhes dar boa notícia da minha saúde. Já estou bem restabelecida dos sarampos e me sinto bem forte. Continuo a estudar e agora com mais aplicação e rigor do que dantes. Pois os exames estão próximos e sua filhinha quer mostrar a seus queridos Paes que os sacrifícios que fizeram por ella não foram em vão e para testemunhar lhes sua gratidão e amor filial. (BERTASO, E. 1915.B)

A carta citada à cima nos permite refletir sobre essas possibilidades de a criança escrever carta, pois a mesma afirma que os pais teriam feitos grandes sacrifícios para que a menina pudesse estar ali. Esse “ali”, se refere a escola em que Elza estava estudando. Ela estava naquela instituição por um motivo que determinaria a vida social e econômica da família Bertaso. Ser uma família com alta renda não era o suficiente para se pensar numa família de elite. Mas sim, era necessário tomarem-se determinadas atitudes, como mandar os filhos para estudar em colégios internos longe da casa dos pais, pois as escolas perto deles não eram suficientemente reconhecidas e valorizadas quanto a essa que a enviariam. O sacrifício que a menina se refere é sobre os gastos que os pais teriam para que a mesma pudesse estudar nessa escola, e pela distância, saudades que teriam por enviar sua menina tão jovem para estudar longe de casa.

Apesar de a menina tomar essas ações da família como um sacrifício para sua educação, tais atitudes tomadas pelos pais Ernesto e Zenaide estava ligada à relação social da família de elite, que buscava através de uma educação, com bom reconhecimento, educar os filhos para que pudessem seguir com os planos econômicos, ou políticos da família.

2.1 GÊNERO E FAMÍLIA DE ELITE:

A família tomou, ao longo dos séculos, várias significações e variadas funções, pois ela seria influenciada pelas mudanças sociais e políticas que envolvem cada período. Contudo, uma conceituação possível para o final do século XIX e início do XX, estaria ligada ao casamento, laços matrimoniais e filiação:

[...] Família não é algo natural, biológico, mas uma instituição criada pelos homens em relação, que se constitui de formas diferentes em situações e tempos diferentes, para responder às necessidades sociais. Sendo uma instituição social, possui também para os homens uma representação que é socialmente elaborada e que orienta a conduta de seus membros. (REIS, 1989 p. 102)

Por ser uma instituição criada, junto com a do casamento, a família tem papel também de orientar os membros participantes delas. No caso da Família Bertaso, as orientações seguem tanto para questões religiosas, quanto para a educação e futuros empregos. Sabia-se que, quando chegassem à idade adulta, cada uma das crianças seguiria caminhos profundamente ligados a uma formação burguesa, de elite. Elza Bertaso torna-se mãe e esposa, casando-se com Paulo Pasquali que também era de elite, possuía grande poder aquisitivo e reconhecimento social na região da cidade de Bento Gonçalves. Serafim, diferente de sua irmã, tornar-se-ia engenheiro formando-se no Colégio Catarinense e mais tarde foi eleito prefeito da cidade de Chapecó. (1951-1954)

Com a influência das transformações econômicas e sociais no Brasil, no século XIX, as instituições familiares passavam por um processo de mudanças, com o aumento da industrialização, as mulheres passaram a trabalhar nas indústrias, tendo menor tempo dedicado para educar e cuidar dos filhos. As famílias pertencentes a elite, não passaram por essa mudança. Contudo, elaboravam, ao final do século, vários manuais para famílias burguesas sobre manutenção e saúde dos filhos, em que se prezava pela higienização (a própria mãe deveria alimentar e criar os filhos). Sendo período de consolidação do capitalismo e, com a ascensão da burguesia, a família passa a se aproximar mais da vida pública, e os papéis dos pais dentro da família tomam novos formatos: a mãe passa a ter o papel de cuidar para que a família demonstre estar sempre estável e amável, educando os filhos para uma vida na esfera pública, também educa os filhos para seguir as regras religiosas de forma fiel, mas com maior abertura a vida pública social a qual o pai preza.

Nessa época, constitui-se a família econômica burguesa que tem como princípio a liderança do marido, a subordinação das mulheres e a dependência dos filhos.

Contudo, o poder paterno não é mais uma autoridade despótica e divina, mas é um pai justo e submisso às leis; e o seu poder é mediado pelo Estado que, por meio das leis, estabelece a vida familiar como um contrato livremente consentido entre o homem e a mulher. O casamento deixa de ser algo divino para ser um acordo consensual, ou seja, o casal permanecerá junto enquanto durar o amor. (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p.3)

A família então é liderada pelo pai, que possui um poder ligado sua vida política e abandona somente as leis divinas, sendo regrado pelo saber público e social, editado pelas leis governamentais, obedecendo-as e educandos os filhos para a vida social mantendo a família bem vista e ordenada aos olhares da esfera pública.

2.1.1 As cartas como alternativa de análise das relações familiares

Inserida nesse contexto social, a família Bertaso não se distancia muito desses padrões familiares. A mãe Zenaide tem papel fundamental na educação dos filhos, mesmo que seja feito a distância, há um cuidado permanente aos aprendizados dos filhos pelas cartas. Simon (2015) afirma que grande parte das cartas escritas por Elza teriam o papel de “dar o relatório” sobre seus aprendizados na escola. A seguinte carta de Elza, escrita com 13 anos, na escola Nossa Senhora do Bom Conselho, permite notar esse apontamento:

[...] Visto que meu cartão do mês passado deu-te tanto prazer, a ti como ao Papae, hei de me esforçar para este mês tirar outra vez “Nota de Honra.” Desta vez infelizmente não posso enviar-te “Nota de Honra.” Mas este mês se Deus me ajudar, irá uma. [...] (BERTASO, E., 1918, C)

O mesmo ocorre com as cartas de Serafim Bertaso quando inicia os estudos no colégio em São Paulo, no ano de 1921, com 12 anos de idade. Ele descreve suas aulas e quais matérias tem feito, fala sobre as notas nas provas, normalmente enviando junto da carta, um boletim escolar:

[...]Em primeiro lugar desejo que esta cartinha os encontre em gozo de perfeita saúde. Eu, graças a Deus, vou indo bem de saúde e de estudos
Quinta-feira o batalhão foi dar um passeio pela cidade.
No Centenario nós vamos haver 8 dias de férias que são do dia 2 até o dia 10.
E no dia 31 haverá uma conferencia pelo Dr. Eugen(ilegível) Egas; sobre Diogo de Feijó.
Domingo passado eu não sahi, por isso eu não fui visitar á Elza; mas se amanhã eu sahir eu irei visita-la [...] (BERTASO, S.,1922, A)

É possível perceber até mesmo nas primeiras cartas das crianças alguma diferença na composição desse relatório que escrevem aos pais. Elza se mostra a escrever muito mais sobre a escola e as matérias, as notas e sobre o cotidiano na escola. Diferente de Serafim, que mostra

ter muito mais possibilidade de fugas ao comum da escola, escrevendo também sobre as saídas, idas ao cinema, visitas à irmã, etc. Essa diferença inicial pode ser dada por dois fatores: o primeiro, quanto à personalidade, que recebe influência dos pais e dos seus futuros papéis na sociedade⁶. A outra possibilidade vem então das influências escolares, pois em algumas cartas a jovem menina afirma ter datas e lugares de escrita na escola, diferente de Serafim, que se coloca a escrever em momentos mais particulares, como antes de dormir.

A carta, entretanto, não toma somente dimensões de relatório infantil para a família, ela também serve como manutenção de uma relação familiar entre pais e filhos. Nessa tentativa de unir a família a partir das cartas, é possível compreender e perceber uma tentativa de formação de um pacto epistolar, pelo qual se exige que os correspondentes tenham a mesma determinação e intenção no ato da escrita. Contudo, nas relações entre Elza e Serafim para com os pais, é possível perceber certa dificuldade nessa manutenção do pacto epistolar, havendo momentos em que as crianças remetem mais cartas aos pais do que os pais aos filhos.

Querida mamãe, enquanto estava escrevendo recebi a sua estimada carta. A Sra. se queixa que não lhe escrevo já faz dois meses, isto é engano ou a carta não chegou em suas mãos. (BERTASO, E., 1915. D)

É possível notar como a carta escrita por Elza toma um ar de decepção ao ver que sua mãe não recebe suas cartas. O mesmo ocorre com a mãe que não recebe notícias da filha tanto quanto o esperado. Por isso, para que o pacto epistolar seja possível, é necessária semelhante dedicação dos correspondentes. Imagina-se o que o sujeito que vai ler responderá e a responde dentro dos seus limites de retórica e imaginação do outro. (DIAZ, 2016, p.17). Por isso, através das cartas, há uma busca pela utilização de uma escrita que aproxime e mantenha a familiaridade mais presente. As cartas de Serafim e de Elza possuem muito dessas características:

S. Paulo, 19 de Agosto de 1922.
Queridos Paes.
[...] Peço o favor de mandar-me as minhas notas do boletim que receberam.
Eu, graças a Deus, vou indo muito bem de saúde e regularmente de estudos.
Dêm lembranças a todos de casa.
O Nilo como vae? Ainda está engraçadinho como antes?
E o Jayme a Edda e o Plínio como vão?
E o seu Antonio como vae? Elle ainda briga muito com os empregados?
O seu Naia está em casa? Elle vae indo bem de saúde?
A' D^{ma}Palmyra como vae?
Eu estou com muitas saúdades de todos de casa.
Para terminar queira acceitar um abraço do seu filho

⁶ Aqui refiro-me novamente a questão de a criança crescer para se tornar mãe de família, e o homem, acaba escrevendo mais devido sua ter maior abertura no futuro para uma vida pública.

Serafim.(BERTASO, S., 1922. B)

Além disso, essa aproximação da relação familiar está acompanhada de, normalmente, mais ao final da carta, questionamentos sobre a família, amigos, buscando que seu correspondente pudesse manter o pacto com uma resposta a tal carta. Serafim, ao longo dos anos de período escolar, também se corresponde com seus pais e passa pelo mesmo problema que sua irmã, reclama que escreve muito, mas que sua mãe pouca resposta recebe. Mas cabe refletir sobre como a mãe e o pai de Elza e Serafim compreendem a troca de correspondências com seus filhos, pois há momentos em que Elza e Serafim relatam que a mãe tem pedido que escrevam mais cartas e reclamam que escrevem com frequência e cartas longas, mas que recebem poucas respostas e com cartas muito curtas. Como por exemplo no trecho da carta de Serafim: “Escrevo-te quase todas as semanas, e, resposta, quando muito, de dous em dousmezes. Não achas que isto, na proporção com teus afazeres é muito pouco? Será que tua netta te incomoda tanto assim? Si for este o motivo ellaha de se haver commigo nas férias. ” (BERTASO, S., 16 1927. C)

Para a família, essas cartas possuíam grande importância, pois eram uma das poucas formas de comunicação entre aqueles que estavam distantes. Isso porque, apesar de haver telefone no período, pouco se utilizava. E no caso das escolas, manter um telefone era quase somente para emergências, o que não necessariamente precisava que o aluno pudesse atender. Telefone era um luxo que poucos tinham acesso. “Parece-me que tambem aqui vão botar telephone, se fosse verdade que bom que ceria. Porque não precisava escrever mais, falaríamos todos os dias. ” (BERTASO, E., 1914. E). Nessa carta Elza afirma que seus avós estavam planejando instalar um telefone em casa e que com isso, seria possível ligar. Mas fica evidente com o passar dos anos e das cartas, que o telefone não foi muito utilizado, ainda não se tinha como prática o ato de ligar para alguém por telefone, portanto, Elza continua comunicando-se com seus pais basicamente pela troca de correspondências.

A escrita íntima toma proporções diferentes a de uma conversa, mas ao mesmo tempo, forja uma conversa a partir das memórias e vivências dos jovens para os tempos de conversa presencial com os pais. Há nesse momento uma abertura para que os jovens falem o que pensam por vezes se abrindo mais do que quando em uma conversa em corpo presente. “A carta coloca-se num presente frágil marcado pela nostalgia da presença perdida e a ansiosa espera do retorno de tal modo que a ausência faz da carta uma escrita de ficção” (GÓMEZ, 2002, p.25)

Vale ressaltar que o ato de escrita da carta ao outro, remete sempre a uma escrita relacionada com a lembrança. Diaz (2016) afirma que as cartas são fragmentos de memórias fossilizadas e que, graças a escrita, são lembradas. E afirma também que a necessidade de

conhecer o interlocutor é deveras importante, pois ele é, de certa forma, um estimulante da memória. As cartas escritas pelos jovens possuem uma escrita de si pouco reflexiva nos períodos escolares. Nos interessa compreender o motivo de haver menos escrita do eu nas cartas escritas na escola.

Assim, ao escrever aos pais, Elza e Serafim refletem muito a lembrança da vida perto dos pais, por vezes perguntando dos amigos e primos, os quais compartilhavam suas brincadeiras em outros tempos. Ao mesmo tempo que essa memória é pouco explorada, voltando sempre para uma reflexão do cotidiano atual deles.

Ao longo de seus desenvolvimentos individuais, Elza e Serafim vão passando por diversas instituições as quais os passam determinadas construções pessoais, através dos conhecimentos e relações as quais os permitem ter. Uma das principais instituições a qual os irmãos passam, é a escola.

2.2 A EDUCAÇÃO PARA FILHOS DA FAMÍLIA DE ELITE

A educação empregada aos filhos de Ernesto e Zenaide Bertaso estava ligada a religião cristã, à qual a família era adepta. No ano de 1914, a família morava em Guaporé-RS, mas se veem obrigados a enviar sua filha mais velha, Elza Bertaso, para Porto Alegre para estudar em uma escola de maior reconhecimento e com uma educação que possua um certo nível de prestígio social. A falta de educação nas comunidades distantes das capitais, as quais os professores normalmente tinham pouca formação ou educação específica, mesmo as escolas de ensino misto, não ajudavam na formação para crianças burguesas.

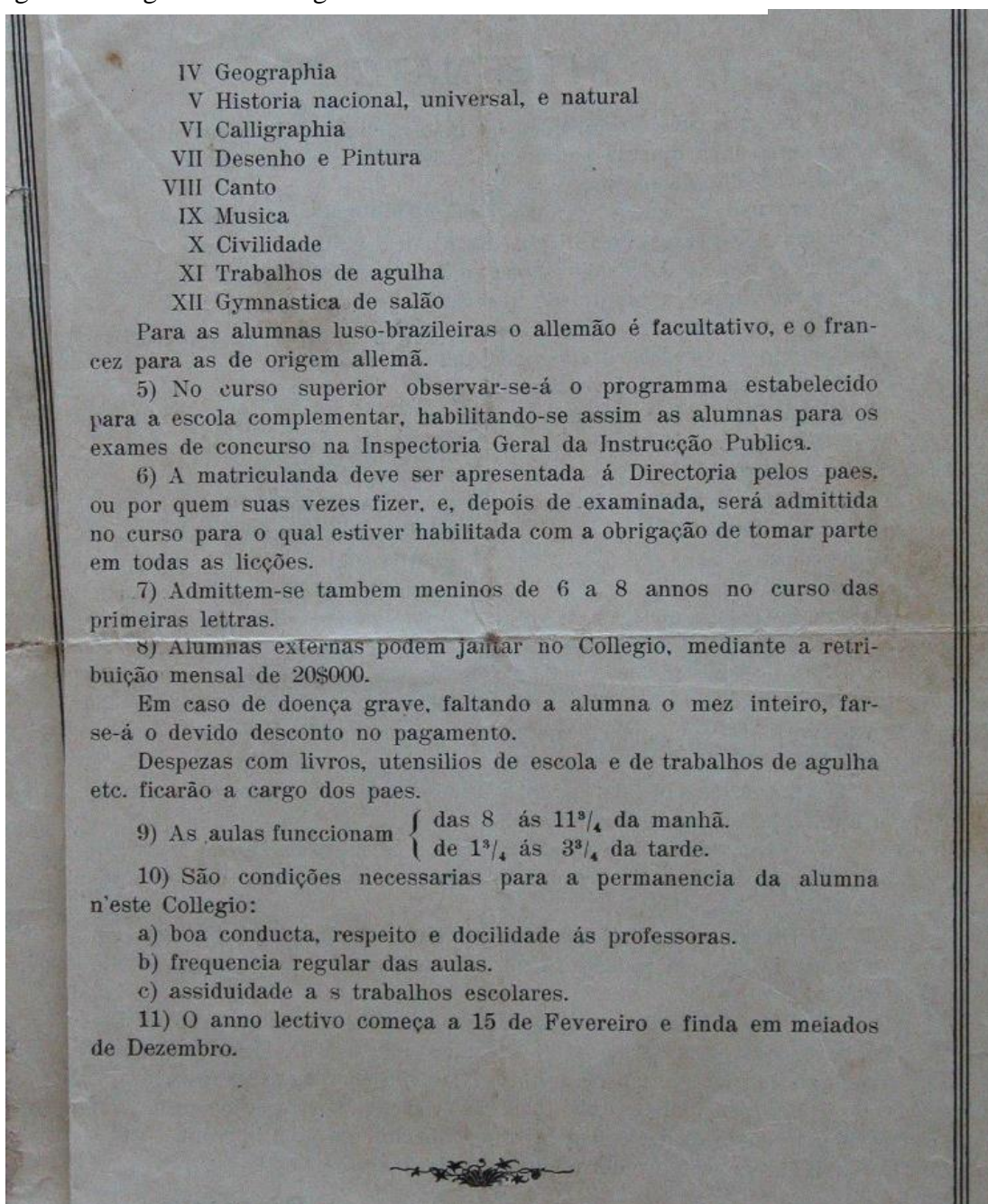
Havia, no final do século XIX e início do XX, o uso das práticas de escrita epistolar como uma matéria de ensino nas escolas infantis. E para que seja possível analisar as cartas no âmbito da cultura escolares, é preciso ir a fundo ao compreender como era o ensino nessas instituições, pensando desde as leituras que os alunos tinham acesso, até as diferentes matérias que cada um recebia, e claro, abertura para saídas, para relações sociais e para quem e quando era possível escrever cartas.

No caso de Elza Bertaso, os pais a enviam primeiramente para o colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, localizado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O colégio era dirigido pelas irmãs franciscanas para meninas luso-brasileiras ou de origem alemã. Por ano, o gasto despendido pela família para manter a menina na escola, girava em torno de 936\$000, “as mensalidades de Elza anualmente poderiam pagar por 187,2 hectares de terra.” (SIMON, 2015, p. 22). Se considerarmos que os gastos que o pai tinha não era somente com a filha, mas também

com seus outros dois filhos, é claro que esse valor era bastante alto e poucas famílias teriam acesso a uma educação desse gênero.

O programa da escola de Elza era bastante disciplinar, contando com regras para as residentes e para as alunas externas, como mostra o trecho do programa da escola. Não somente isso, como questões que envolvem matérias específicas, exigiam da família que pagasse o material, como pena de escrita, agulha para os trabalhos com agulha, ou tintas e pinceis, para as aulas de pintura. O programa também afirma aceitar meninos, contudo apenas em fase de letramento, entre 6 a 8 anos.

Figura 1: Programa do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.



Nesse colégio, como mostra o trecho do programa, Elza cursou matérias como História nacional, universal e natural, geografia, música, aritmética⁷. Cursava também matérias mais específicas para a educação feminina no período: desenho e pintura, trabalhos de agulha, ginástica de salão. Durante os anos nessa escola, elas eram também catequisadas, e recebiam a primeira comunhão também na escola. Questões como essa ainda são presentes no colégio Nossa Senhora do Bom Conselho: religiosidade. Apesar de não serem mais obrigados a serem de religião católica para frequentar a escola, ainda devem participar em alguns momentos, das missas ou cultos ofertados pelo colégio.

Mesmo sendo um colégio bastante regrado, Elza demonstra no primeiro momento ter gostado da escola e parece ansiosa para o início das aulas. A primeira carta escrita por Elza Bertaso quando inicia os estudos em Porto Alegre, em 1915, com apenas 9 anos. “O estudo no interior, apesar da boa vontade dos professores, é muito fraco. E eles querem o melhor para a menina: escolhem o colégio Nossa Senhora do Bom Conselho” (HIRSCH, 2005, p. 37). Ao chegar em Porto Alegre, a menina descreve em carta para a mãe sobre seu lugar na escola e os passeios que faz antes de começar as aulas.

Porto Alegre, 3-4-1915

Querida Mamãe

Espero que estas poucas linhas te encontre gozando bôsaude, em companhia do Dr Serafim e o padre, Jayme, tia Ida, tio Chico, Hilda, e o Plínio.

E o que dasse com nós todos aqui.

Chegamos aqui no domingo, Terça feira fomos no collegio, visitei todo elle, achei muito bom e bonito. O meu numero no collegio é 89. O papae marcou toda a roupa com o numero 89 até o celebre vaso com tampa.

Na segunda feira de tarde vou tomar conta do meu lugar no collegio e ficarei atesahir.

[...]

O papae está brabo diz que está gastando muito dinheiro commigo. Eu disse para elle que se não queria gastar que me deixasse em casa óóóóra esta. (BERTASO, E., 1915.

F)

Tal carta nos serve de pequeno exemplo do que foi a entrada da criança na escola, como ela mostrou reagir à situação e como a família reagiu. Vê que seu pai não gosta muito da ideia de gastar tanto dinheiro com os estudos da menina, mas não desiste de deixá-la estudando, pois, a mesma permanece na escola até 1918, voltando para casa, quase que semestralmente, nos períodos de férias escolares. A instituição era ministrada por freiras, sendo um colégio católico franciscano, que teve grande reconhecimento a partir do ano de 1906, sendo especialmente de educação para meninas, em sistema de internato.

⁷ Informações encontradas nos boletins escolares de Elza e Serafim.

Uma das características do Colégio Bom Conselho era o internato. Desde o início de sua fundação, até o ano de 1960, esta Instituição acolheu em suas dependências, como internas, centenas e centenas de alunas vindas das mais diversas regiões do Rio Grande do Sul e mesmo de outros estados. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 2017)

Nessa escola, Elza recebe uma educação que interfere na escrita de suas cartas, recebendo por vezes, um papel que possuía o timbre da escola, e com local específico para que colocasse a data da escrita da carta. Elza modifica muito sua forma de escrita para que possa adequar-se aos padrões ensinados na escola. Isso talvez devido aos momentos de escrita que lhe era permitido e estimulado pelas freiras da escola:

Porto Alegre 20-9-1916
 Querida mamãe
 Recebi a tua estimada cartinha aqual deu-me grande prazer em saber que gosam todos saude.
 Eu vou indo muito bem de saude como de estudos.
 Esta carta estou escrevendo-a em casa.
 Não te escrevi porque a freira não me deixou, eu já tinha feito a copia para te escrever e a freira disse que não era dia de escrever. [...] (BERTASO, E., 1916. G)

A carta de Elza afirma que há momentos permitidos para a escrita, indicados pelas regras da escola, e há momentos que a garota precisa fugir desse local de escrita para que possa corresponder com os pais. O que demonstra que a educação da escola utiliza como forma de ensino a escrita, podendo haver momentos em que as freiras realizavam a avaliação da carta como forma de adequar a escrita da jovem às formas devidas. Essas normas eram possivelmente organizadas a partir dos manuais epistolares da época, muito comum na educação do século XIX e XX, pois indicava várias formas e padrões que deveriam seguir os epistológrafos na hora da escrita. Não se sabe qual manual foi utilizado para esse ensino epistolar, mas há um exemplo de modelo fartamente utilizado até o século XX por várias instituições e pessoas físicas: “O Novo secretário Portuguez ou Código Epistolar” que teve várias edições desde sua primeira edição em 1846. (BARBOSA, 2015, p. 80)⁸

⁸ Para saber mais sobre esse secretário de escrita epistolar, ler a dissertação: BARBOSA, Kaline Gonzaga. **Leitura das Regras de Escrita de Cartas**: manual epistolar Novo secretário Portuguez ou Código Epistolar como dispositivo de formação pedagógica. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História da Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/pb, 2015.

É possível perceber como, especialmente na análise de boletins escolares de Elza no período que esteve nesse primeiro colégio, como a educação era voltada para desenvolver e educar a “Boa Menina”, educando para trabalhos de casa, como civildade, postura, música, dança de salão e costura. Traços educacionais muito interessantes que visam construir uma menina de casa, do lar.

Figura 2: Boletim Escolar de Elza Bertaso, 1915, Colégio Nossa Senhor do Bom Conselho

Collegio N.^a S.^{ra} do Bom Conselho
Moinhos de Vento

Atestado do 1.º trimestre

Da alumna *Elza Bertaso*

Comportamento: gráo <i>10</i>	Civildade: . . . gráo <i>10</i>
Obediencia: . . . " <i>10</i>	Ordem: " <i>10</i>
Appliação: . . . " <i>10</i>	Silencio: " <i>10</i>

Progressos nas materias do ensino:

Doutrina christã: gráo <i>4</i>	Historia Nacional: gráo <i>5</i>
Historia Sagrada: " <i>4</i>	Historia Natural: "
Leitura: " <i>8</i>	Physica: "
Orthographia: " <i>4</i>	Idioma francez: "
Grammatica: " <i>4</i>	Idioma allemão: " <i>4</i>
Redacção: " <i>6</i>	Desenho: " <i>5</i>
Litteratura: "	Pintura: "
Calligraphia: " <i>5</i>	Canto: " <i>5</i>
Arithmetica: " <i>4</i>	Musica: " <i>4</i>
Geometria: "	Bordado: " <i>4</i>
Algebra: "	Costura: "
Geographia: " <i>5</i>	Gymnastica: " <i>5</i>
Historia Universal: "	Posição do corpo: "

Predicados determinados

Gráo 10 — excellente
" 9 — muito bom
" 8 — " "
" 7 — bom
" 6 — " "
" 5 — regular
" 4 — " "
" 3 — soffrivel
" 2 — " "
" 1 — apenas satisfez
" 0 — não satisfez

O logar regula-se pelo numero de boas notas que a alumna mereceu nos exercicios oraes e escriptos.

Entre as condiscipulas mereceu o 12.º logar com 852 boas notas.

Porto Alegre, 31. de Maio, de 1915.

A Professora: _____ A Directora: _____

Em 1918 Elza sai de Porto Alegre para estudar um breve período em Curitiba, no colégio Nossa Senhora de Sion, mudando-se em 1920 para São Paulo, estudar em outra sede da mesma instituição. Nessa escola permanece até o ano de 1924, saindo dela aos seus 19 anos. Segundo o site atual da escola Nossa Senhora do Sion, o colégio foi fundado na França no século XIX, se estabelecendo no Brasil com a chegada das irmãs francesas. “O colégio Sion é uma escola católica com abertura ecumênica e inter-religiosa, pois o Carisma da Congregação tem como base a vivência da fé sem pretender impô-la aos outros.” (SION, 2017)

Nesse colégio Elza escreve com maior liberdade, falando muito de seu cotidiano, mas com menor cuidado em explicar ou demonstrar suas melhorias nas aulas, ou mesmo, sobre quais aulas especificamente ela tem feito. Ela abre o campo, falando sobre as viagens, sobre suas colegas e professoras, e sobre o como foi se sentido dentro da nova escola, na qual ficou até o fim de seus estudos. Além disso, suas notas nesse período melhoram bastante, apesar de demonstrar possuir bastante atividades escolares diárias, segue a exemplo o trecho de uma carta de Elza do ano de 1922:

Esta semana andamos muito atarefadas. Mandaram-nos pedir trabalhos escolares para a exposição. Ficam em S. Paulo até amanhã e depois vão para o Rio.
Eu fiz 3 mappas: o Rio Grande do Sul, que fiz duas vezes, a primeira vez estava quase prompto quanto derramei tinta em cima; fiquei tão desesperada!
Fiz também a Italia e a Russia. Vae meu caderno de composição franceza e um quadro de pintura: é uma marinha. [...] ((BERTASO, E., 1922.H)

Seguindo um caminho diferente, Serafim Bertaso também sai de casa para estudar, mas apenas no ano de 1920 aos 10 anos, indo primeiramente à Curitiba, estudar em uma escola próximo aos parentes de sua mãe. Suas cartas nesse período são mais truncadas, possuem uma letra de criança, com assuntos que se voltam ao seu cotidiano e remetem constantemente a saudades da criança que tem de casa. Mas, no ano de 1921, Serafim já vai para São Paulo e começa a estudar no Ginásio Anglo-Brasileiro. Essa escola possuía um ensino mais militarizado, e o menino conta inclusive em suas cartas, como há momentos em que eles fazem marcha cívica.

Figura 3: Detalhe do Timbre na carta de Serafim Bertaso. 1921. N



Fonte: Arquivos do CEOM

A imagem acima mostra como era o papel utilizado por Serafim para escrever sua correspondência. Nota-se bem destacado o timbre da escola, com localização, endereço e, abaixo, o local adequado para inserir a data de escrita da missiva. Esse estilo de escrita de carta, Serafim passa a apresentar somente com a entrada nessa escola, ao mesmo tempo que toma maiores cuidados com os padrões de escrita. Contudo, o jovem fala mais abertamente sobre seus pensamentos e vida cotidiana do que a irmã.

Ao analisar as cartas de Elza Bertaso, ela afirma que o irmão não pode escrever cartas para ela, nem receber dela, somente os pais poderiam se corresponder com ele. Não se deixa claro o motivo da escola colocar essa regra, mas fica evidente certo controle da escola sobre as correspondências de seus estudantes. Além disso, no próprio cabeçalho que possui o papel da carta disponibilizado pela instituição da escola de Serafim, háno canto esquerdo uma notificação: “Toda a correspondência e as ordens de pagamento devem ser endereçadas ao “Director do GymnasioAlngo-Brasileiro” (BERTASO, S., 1921. D). Permitindo a reflexão sobre uma escrita vigiada, muito presente no cotidiano de crianças e mulheres no século XIX e XX.

A produção de cartas para os dois é algo que perpassa somente a uma escrita íntima, pois o cuidado que os jovens tomam ao se colocar nas cartas, marca uma constante vigilância da escola, que utiliza dessa prática de escrita como forma de ensino e manutenção das civilidades ensinadas aos estudantes. Assim, “O espaço privado da escrita cria condições para um certo desnudamento, para uma certa exteriorização dos sentimentos imanentes à prática escolar” (CUNHA, 2013, p. 125) Devido a escrita das cartas de Elza e Serafim perderem por momentos essa intimidade, acabam revelando sobre o cotidiano da vida escolar, ao mesmo tempo, permitem várias análises ao que se refere a prática de escrita como uma prática escolar. Outra questão que nos cabe analisar nesse contexto, são justamente os momentos de fuga dessa

padronização da escrita que pedem as escolas. Há momento em que Serafim escreve a carta e, ao invés enviar pela instituição, pede para que algum conhecido a despache nos correios. Portanto, essas cartas, por vezes, podem possuir informações diferenciadas daquelas encontradas nas cartas escolares.

As correspondências produzidas por Elza e Serafim passam a se diferenciar ao longo dos anos. Elza, que tem uma educação cristã, voltada para uma criação da mulher de família, produz cartas sensíveis, que remetem a questões familiares constantemente. A menina escreve cartas com teor religioso que remete a fé católica. Por vezes a menina até consegue refletir sobre si, mas é especialmente sobre questões físicas de seu corpo, como aumento de peso, corte de cabelo. Ou então relacionadas ao seu aprendizado na escola, trazendo no relatório escolar que faz aos pais, uma reflexão sobre sua dedicação nos estudos.

Já seu irmão, Serafim, recebe uma formação militarizada, com uma educação menos religiosa, estudando matérias de cunho geral, como história, línguas inglesa e portuguesa, ginástica. Segundo o boletim do primeiro ano no colégio, Serafim possuía alguma dificuldade nas matérias de Português e caligrafia, o que é extremamente perceptível em suas primeiras cartas, onde há vários erros de português e ortografia (da época) e sua caligrafia ainda era bastante rebuscada.

Queridos paes,
 Em primeiro logar desejo que esta carta os encontre em perfeita saude
 Eu aqui vou indo muito bem de saude; ainda sabbado fui visitar a Elza, ella ficou
 muito contente com minha visita, ella disse que não tem lhes escrevido porque esta
 muito apurada com os izames.
 Escrevam-nos cartas grande não de quatro linhas.
 Estou com saudades de todos.
 Vou acabar com esta carta mandando –lhes um beijo e um affectuoso abraço do seu
 filho
 Serafim (BERTASO, S., 1921. E)

Serafim tinha pouco a escrever sobre sua escola nos primeiros anos, o que impede se possa pensar mais sobre o cotidiano na escola. Contudo, nas situações que fala sobre a escola, podemos perceber algumas questões, especialmente sobre a militarização do colégio, demonstrada nos momentos em que Serafim relata ter feito uma marcha cívica com o pelotão.

Em algumas de suas cartas de 1921 e 1922 aparece no início da carta, antes do timbre da escola, um número “227” número esse que também aparece em alguns documentos escolares como boletins, contas, etc. Sendo possivelmente o número de inscrição de Serafim no colégio.

Figura 4: Boletim escolar de Serafim Bertaso, pode ser observado o número de inscrição (227). Colégio Anglo-Brasileiro, 1921.

227

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO
S. PAULO - RIO DE JANEIRO
CURSO GYMNASIAL

Boletim mensal do alumno Serafim Bertaso
do 1º anno, classificado em 30 lugar.

ESCALA: 10 indica **optimo**, de 7 a 9 indica **bom**, de 4 a 6 indica **soffrivel**, de 0 a 3 indica **mau**.

		DOS ESTUDOS																DO INTERNATO					MÉDIA	Comportamento	MÉDIA FINAL					
		Portuguez	Inglez	Franciez		Latim	Historia Universal	Geographia	Arabe	Desenho	Calligraphia	Aritmetica	Algebra	Geometria	Trigonometria	Contabilidade	Cosmographia	Historia do Brazil	Physica	Chimica	Historia Natural	Musica				Marcenaria	Horticultura	Gymnastica	Portualidade	Asselo
Set.	3		7	4			8			5	3	5													9	10	10	6.4	10	8.2
Out.	4		7	4			8			6	4	7													9	10	10	7.2	10	8.6

Veze tarde Veze ausente

Saude do alumno (actualmente) optima

Observações

S. Paulo, em 5 de novembro de 1921

W. W. L. Luthbert. VICE DIRECTO

2050

Fonte: Arquivo do CEOM

A partir do ano de 1926, as cartas de Serafim são enviadas do Gymnasio Catharinense, Florianópolis – SC, onde passa a estudar mais próximo dos pais, até o ano de 1929. Esse colégio não possuía disciplinas tão militarizados e era de conhecimentos gerais. Serafim cursou matérias como: História Universal, Português, Latim, Frances, Inglês, Desenho, Aritmética, Coreografia, Religião, instrução militar, instrução moral e cívica. As duas últimas matérias, de cunho civil militar, Serafim cursou apenas no primeiro ano (1926) no colégio.

As cartas escritas nas escolas não tomam somente teor de relato, ao qual podemos pensar na relação exigida pelos pais e escola, mas também permitem compreender como era a vida cotidiana dessas crianças que estavam inseridas em colégios internos. Como os casos em que Serafim afirma ter feito passeio, saído da escola para visitar sua irmã, ou mesmo para ir ao cinema com seus colegas. É interessante notar que Elza não tem tanta abertura para as saídas sozinha da escola. Normalmente quem a visita é seu irmão Serafim, Elza realiza as saídas somente quando a escola faz os passeios ou em períodos de férias escolares.

Ocorre assim uma sutil separação na forma de escrita dos jovens, que quando observadas com pouca atenção podem passar despercebidas, contudo, ao traçar um olhar minucioso é possível perceber que eles vão se distanciando na grafia, desde seus conteúdos, até os locais e motivações de escrita. Aliás, ao pensar na vida cotidiana na escola, práticas estudantis e de ensino presentes em cada colégio, é possível perceber que o que aprendem Elza e Serafim, ao longo de suas trajetórias escolares, é bastante distinta devido aos diferentes caminhos e futuros que buscavam os irmãos.

3 AS PRÁTICAS DE ESCRITA INFANTIL

A produção de cartas como uma prática escrita foi, por muitos anos, uma prática restrita somente a alguns grupos sociais, especialmente até início do século XIX. Evidentemente, que estava ligado a fatores sociais, pois só poderia escrever cartas aquele ou aquela que tivesse acesso a uma boa educação ou alfabetização. Sendo que até meados do século XIX somente uma parcela da população era educada a ponto de saber escrever com precisão: homens da alta burguesia, intelectuais. Não somente isso, mas como já comentado, o acesso a determinados materiais para a escrita de cartas era de um custo elevado e, portanto, somente poucos possuíam renda suficiente para manter uma troca de correspondências constante.

Ao se tornarem adolescentes, passam a se construir e perceber como sujeitos, passando a buscar seus espaços de fala. Para isso, os adolescentes começam a refletir sobre si, na luta pela subjetividade própria, construindo e percebendo suas identidades. Mas mesmo que não percebam, essa identidade esteve sendo construída ao longo de suas vidas, e ela teve como guia a escola, família e sociedade com o qual a criança esteve em contato. E será na carta que poderá se perceber como ligou-se esses dois âmbitos, pois é “[...] a carta, melhor que qualquer outra forma de expressão, associa o vínculo social e subjetividade” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 30)

A produção de cartas no século XIX era formada por variadas regras e padrões de escrita às quais somente verdadeiros epistológrafos eram capazes de seguir e se debruçar de forma adequada as normas. Segundo Haroche-Bouzinac (2016), existem diferentes formas de perceber a aproximação do correspondente com a prática epistolar, cuidados como o uso de certo espaço do papel, o número de dobras feitas para colocar o papel no envelope assim como o próprio envelope, são características importantes para serem observadas. Seria então de bom ou mau gosto utilizar determinado tipo e cor de papel ou envelope, contudo, não se tratava somente das questões materiais, mas também do conteúdo tratado nas cartas, e especialmente a forma como seguia a escrita dos assuntos. A carta deveria ter fluidez, ser agradável que não gerasse a sensação de tédio no leitor.

Era por meio desses pequenos detalhes da carta que o escritor construía seu espaço de escrita de si, na busca de uma relação específica. Pois a carta, além de um objeto de comunicação também era uma troca de experiência, vivências e relações:

O ato de escrever cartas pessoais consiste em confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, por meio das palavras. Trocar cartas, corresponder-se ou escrever para alguém são formas de se expor, compartilhar

experiências, vencer distâncias e ausências, tecer sensibilidades, enfim, construir laços de papel. (CUNHA, 2013, 119)

Tendo a noção que as cartas de Elza e Serafim possuem grandes sensibilidades, mesmo que camufladas pelos padrões, a análise a seguir buscará compreender as várias etapas ao qual perpassaram a escrita dos irmãos Bertaso. Assim, também poderemos perceber como foi que as influências tratadas no capítulo anterior, são transportadas para as formas e métodos de escrita.

3.1 CARTAS DE ELZA BERTASO

As cartas de Elza Bertaso representaram um momento muito importante da formação pessoal da garota por terem sido produzidas durante sua vida escolar. Como as cartas foram produzidas num período de formação do indivíduo, sofreram várias alterações nos aspectos formais e narrativos. Percebe-se que foram dois momentos com maior distinção na prática, uma quando estava no seu primeiro colégio interno, em Porto Alegre, um segundo momento quando vai a São Paulo trocando de escola; e por fim, quando sai da escola e se casa, iniciando sua vida na família como mãe e esposa. Esse último não será analisado por essa pesquisa, focando apenas no período escolar até o final de sua adolescência.

3.1.1 As Primeiras Cartas (1915-1918)

No primeiro ano escolar, em 1914, Elza Bertaso remeteu 10 cartas aos pais, nesse período, diferente daquilo que se considerava por uma boa carta, Elza possuía certa dificuldade em tornar a carta agradável: havia muitos erros gramaticais considerando as regras ortográficas do período, entretanto, erros comuns para crianças em período de alfabetização, como por exemplo, a troca do “z” pelo “s”, a retirada do uso dos dois “ss”, ou mesmo, a quase inexistência de pontuação e acentuação. Além disso, em quesito ao assunto, Elza não tinha muito cuidado em tornar a carta coesa e fluida, mudando de assunto repentinamente, contrariando as normas epistolares do período. Outro pequeno detalhe é a caligrafia, que ainda não tinha uma bela forma; lembrando que é perceptível o acompanhamento da família, como tios ou avós no ato da escrita das cartas, pois a garota sempre remete àqueles que estão com ela por lembrarem a ela de pedir determinadas coisas, ou enviando recados à família. Por fim, uma questão fica perceptível, nem todas as vezes Elza teria escrito a carta primeiramente em rascunho, pois

ocorre que ao final de quase todas suas cartas ela adiciona um *post-Scriptum* adicionando questões lembradas ao final da escrita da carta:

E a senhora receba saudades da vóvó e vovo e tias tios e de vossa filha
 Elza
 (continua)
 O Serafim recebeu as bolinhas? Diga a elle que não perca. A Maria disse para dar um beijo no Serafim, e um no Jayme e um esculação por parte d'ella
 Elza
 O N° dos sapatos e 30
 Muitas lembranças que Iryde manda. Recebemos carta da tia Ida, ellaesta melhor
 Elza
 Aqui vae o vestido me serve muito bem.O vestido esta sujo porque eu botei no domingo. (BERTASO, E.,1914.I)

O que ocorre aqui, são vários *post-scriptum*, nos quais Elza relembra de falar aos pais, por vezes a carta pode ter sido escrita em vários dias até seu envio, ou mesmo, ter sido lida por algum familiar ou pela própria autora, o que a fez lembrar de colocar essas questões na carta. Caso que ocorreria em menor quantidade caso fosse reescrita.

Figura 5: Carta de Elza Bertaso, 1914. E

Bento Gonçalves 29-4-1914

Querida mamãe

Recebemos a sua apreciada carta da qual fiquei muito satisfeita sabendo que estão gozando boa saúde. Eu vou indo muito bem tanto de saúde como de estudos.

Recebi a roupa e o emulsão.

Estão precisava que me mandassem e emulsão roupa estou engordando. Augmentei 1 lb e creio que vou augmentar mais.

parece-me que também aqui vão botar telephone, se fosse verdade que bom que seria porque não precisava escrever mais, fataríamos todo o dia.

Diga ao papai que já aprendi a estacad. para ir a escola. Como vae a tia Ida?

Ella nunca me escreve.

Annita já foi embora.

Manda-me dizer como vae o Jayme, o Serafim e Plinio e a Hilda.

De um abraço q todos elles.

De saudades a Paulina e a Ivone e a quem perguntar por mim.

A vovó velha manda muitas lembranças e a tia Zelinada também. Manda-me dizer quando o papai vem. Diga a elle que não se esqueça do bebê e outros presentes sem mais.

Manda um abraço de sua filha Elza

Fonte: Arquivo do CEOM

Em 1915, Elza inicia seus estudos no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho e envia 11 cartas aos pais, e apesar de afirmar que ainda possui uma caligrafia feia: “A letra, porem é ainda muito feia.” (BERTASO, E., 1915.J), Elza toma maior cuidado na escrita, talvez devido ser uma prática na qual há um acompanhamento da escola, como comentado no capítulo anterior, assim, é possível notar que existe maior zelo e bom aproveitamento do papel. Além disso, é importante notar que nesse ano, as cartas da Elza apresentam menos *post scriptum*, e uma caligrafia mais cuidada (apesar da autora ainda considerar uma letra “feia”), apontando que ela toma a prática de escrever primeiro a carta em rascunho, antes da carta oficial que será enviada. Segue uma carta enviada aos pais de 1915.

Figura 6: Carta de Elza Bertaso, 1915. Q -Primeira parte

Porto Alegre 27 de Outubro
de 1915.

Queridos pais

Já ha muito tempo
po que fiz a copia
para escrever-vos,
mas adoezi. Estive
com sarampo. E
por isso não pude
escrever-vos. Estive
doente 11 dias.
Na 5^a feira de
tarde a Annita
e a Evira vieram

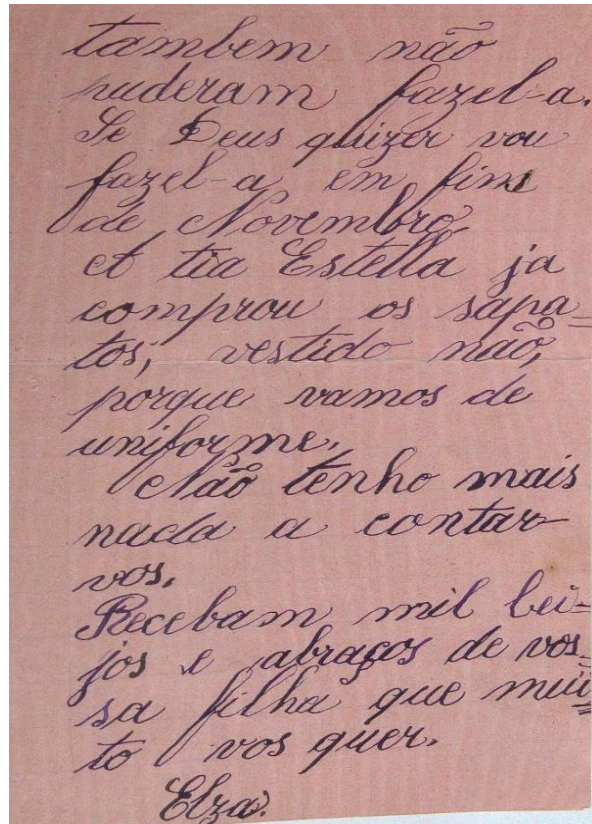
Fonte: Arquivo do CEOM

Figura 7: Carta de Elza Bertaso, 1915. Q - Segunda Parte

me visitar, e eu
 fui com ellas; vol-
 tando hontem.
 Dia 17 de Setembro
 houve uma festa,
 foi o dia de
 nome da Madre.
 Eu ia dizer um dis-
 curso; mas como ade-
 rci; uma outra me-
 nina devia dizel-
 o. Tambem nao
 pude fazer a 1.^a
 Comunhão no dia
 17 de Outubro con-
 as outras; e mais.
 As meninas que

Fonte: Arquivo do CEOM

Figura 8: Carta de Elza Bertaso, 1915. Q - Terceira Parte



Tambem não
 puderam fazel-a.
 Se Deus quizer vou
 fazel-a, em fins
 de novembro,
 et tia Estella ja
 comprou os sapato-
 tos, vestido não,
 porque vamos de
 uniforme.
 Não tenho mais
 nada a contar
 vos.
 Recebam mil be-
 jos e abraços de vos-
 sa filha que muit-
 o vos quer.
 Elza

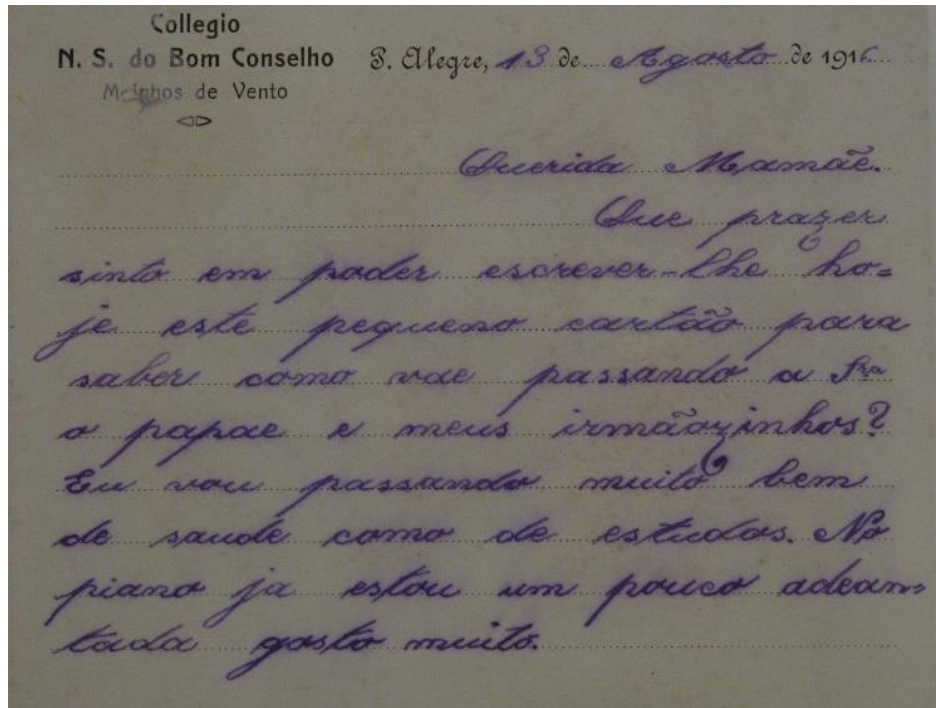
Fonte: Arquivo do CEOM

Ainda estudante do colégio N. S. do Bom Conselho, em 1916 Elza remeteu 14 cartas aos pais, incluindo um cartão. Há uma pequena melhora na prática de escrita de cartas, a letra tornou-se um pouco menor, e a jovem consegue escrever mais coisas em um espaço menor de papel. Ao mesmo tempo que tem mais proximidade com a prática, se sentindo mais aberta a escrever sobre o cotidiano escolar de forma mais aprofundada, falando sobre suas colegas da escola, atividades, etc. Entre uma de suas cartas, há uma entre elas que o papel possui o timbre da escola. Já no ano de 1917 o número de correspondências remetidas aos pais diminui para 9 cartas. Não há muitas mudanças na escrita das cartas nesses dois anos, ocorre que há um aumento de cartas com o timbre escolar, além disso, as cartas se tornam mais breves, com menos desempenho nos assuntos, logo as cartas no geral possuem apenas uma página de escrita. Talvez nesse período há maior acompanhamento da escrita de cartas pela comunidade escolar de Elza. Pois é claro que a forma escrita da carta era intensamente observada aos cuidados indicados pelos manuais, que chegavam aos estudantes a partir do ensino como matéria escolar:

Como objetos materiais, recheados de práticas culturais de uma época, as cartas trazem marcas da modelização de práticas de escritas escolares, seja na caligrafia caprichada, seja nos borrões disfarçados e até na observância dos protocolos de

correspondência ensinados em tantos manuais que circularam no espaço escolar como, por exemplo, aqueles que normatizavam o uso correto das linhas tracejadas ou mesmo as formas de tratamento cerimoniosos ensinadas. (CUNHA, 2013, p. 120)

Figura 9: Timbre do Colégio Nossa Senhor do Bom Conselho, 1916



Fonte: Arquivo do CEOM

Quando as cartas se tornam mais padronizadas, não só a forma que Elza escrevia a carta, cumprimentos etc., mas como também há uma sutil mudança no conteúdo tratado nas cartas. Elza, nas cartas de 1914, falava muito sobre seus familiares, fazendo perguntas sobre as atividades do pai, mãe e amigos, a carta tinha maior espontaneidade, era visível a voz infantil. Mas assim que adentra no colégio interno de N. Sra. Do Bom Conselho, as cartas perdem um pouco sua infantilidade, e tomam com maior precisão aquilo já comentado no primeiro capítulo, a escrita toma um tom de relatório escolar. Existe duas possibilidades que possam explicar isso: a primeira ocorre devido a mudança brusca no cotidiano e vivência da criança, antes vivendo com os tios e avós, possui maior liberdade e possibilidade de ser criança, coisa que se limita ao adentrar no internato, dividindo quartos e cotidianos com outras meninas, ainda pouco conhecidas, não há ainda grandes amizades, ou “aventuras”, seus dias possuem maior rotina. Outra possibilidade está ligada, mais uma vez, à escrita vigiada, vigiada por professores ou pelos pais. Se assim como Carvalho, considerarmos “a confiança tem um papel primordial na elaboração da personalidade” (CARVALHO, 2000, p. 223), como poderia Elza Bertaso permitir se expor abertamente numa reflexão sobre si quando seus professores acompanhavam

(mesmo que a distância) a escrita de suas cartas? Ao mesmo tempo que seus pais cobravam certa postura e relação com a escola, ou seja, as cartas eram também uma forma de vigiar as ações escolares (talvez outra forma de “escrita vigiada”).

Tais posicionamentos que são tomados aqui sobre a escrita da Elza apresentar certo aprisionamento sobre a liberdade na escrita de si, possam se confirmar quando analisamos as cartas produzidas nos anos de seguem a saída da menina do colégio N. Sra. Do Bom Conselho.

3.1.2 Nova escola, Nova escrita nas cartas de Elza 1919 a 1923

No ano de 1919 Elza, com 14 anos, vai para a cidade de Curitiba e inicia os estudos no colégio Nossa Senhora de Sion, nesse momento são poucas as cartas que ela envia aos pais, será difícil saber exatamente porque. As cartas escritas em Curitiba que se teve acesso, são relativamente curtas, mas pouco Elza fala sobre sua escola e educação, ela dá tempo apenas para perguntar a mãe como vai a família e escreve sobre os familiares de Curitiba aos quais ela visita em vários momentos.

Já em 1920, Elza vai a São Paulo ainda no colégio N. Sra. De Sion, possivelmente para poder acompanhar seu irmão, facilitando as viagens do pai ao buscá-los no período de férias letivas. Elza escreveu sua primeira carta a mãe enviada de São Paulo, ainda antes de adentrar no colégio naquele ano. Para iniciar, pode-se perceber que o papel foi adquirido em algum hotel por possuir o timbre “Hotel D’Oeste”, no qual provavelmente Elza passou durante a viagem rumo São Paulo, a carta relata sua felicidade em estar numa cidade desconhecida, contando como foi a viagem e sobre os passeios que tem feito. O espaço que usa para falar sobre a escola é curto, apenas uma linha: “Vou entrar para o collegio amanhã. ” (BERTASO, E. 1920.K). Deixando claro que, não é que se esqueceu dos estudos, apenas tem aproveitado o tempo de folga para conhecer a cidade e se divertir. Elza não se esquece de seus irmãos, que a poucos dias teria se despedindo, pede como anda Serafim, se ele se acostumou ao colégio que iniciou os estudos em São Paulo a pouco tempo daquele mesmo ano. Por fim, outro detalhe ao qual a jovem não tinha se permitido abertura de fazer nas suas cartas durante o Colégio N. Sra. Do Bom Conselho: escrever o final, despedida, ao lado da folha da carta, como segue na imagem abaixo. Isso se permite pois não há uma vigilância sobre sua escrita naquele momento, e talvez a falta de materiais para poder escrever mais.

No ano de 1920, Elza remete 20 cartas a seus pais, um número consideravelmente maior do que nos anos anteriores, e além disso, as cartas são mais extensas, mesmo que ocorra grande problema com defasagem no pacto epistolar, pois aparentemente sua mãe poucas vezes lhe

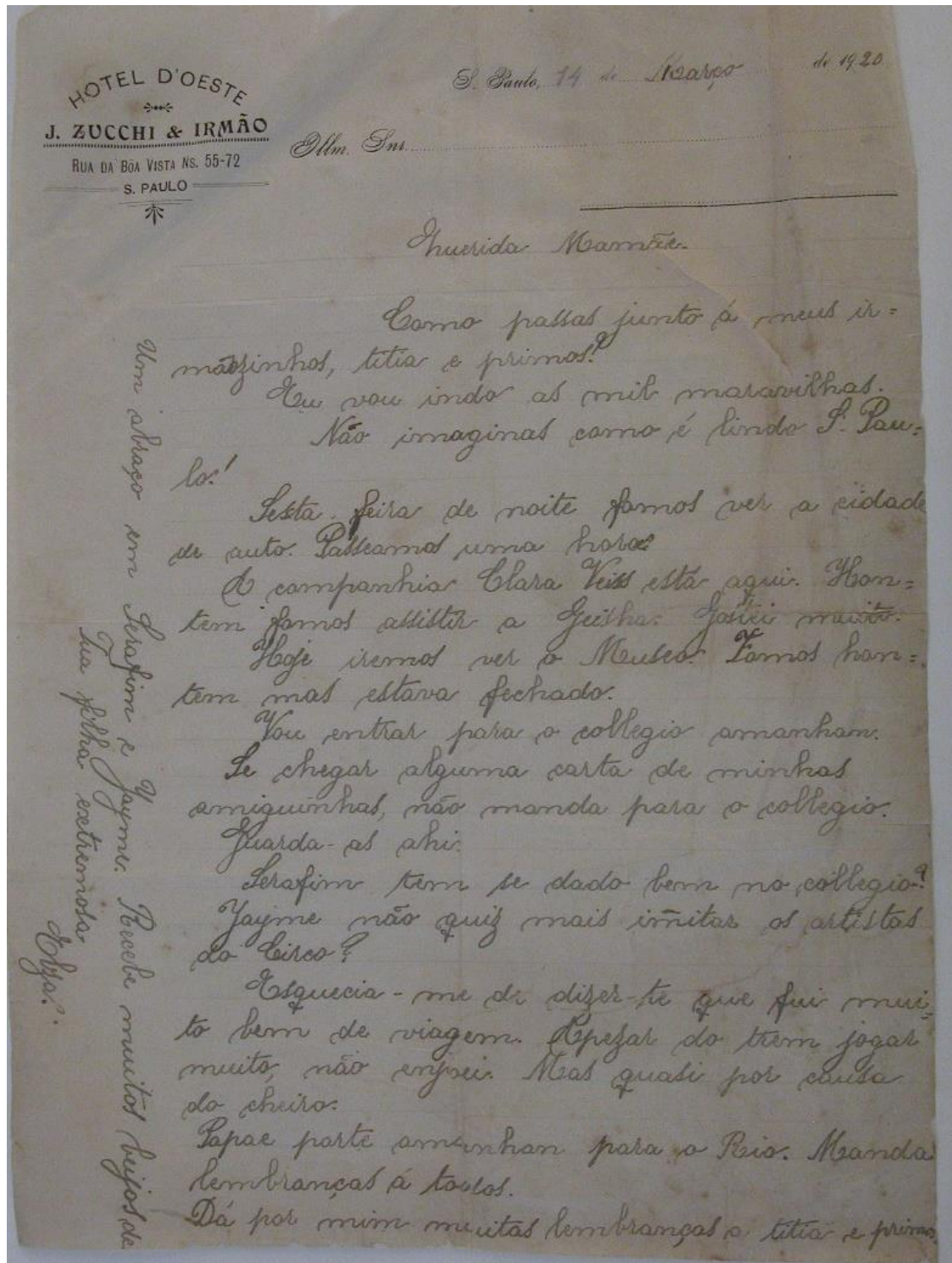
respondia as correspondências, ou mesmo, as cartas não estavam chegando devidamente a seus destinatários. Nesse período uma diferença bem perceptível nas cartas é a inexistência de um timbre do colégio, demonstrando que a escola não tinha um papel específico para as cartas das alunas de Sion. (Não significa que a escola não fornecia papel, provavelmente sim, mas sem um timbre, sendo um papel mais comum).

As cartas de Elza, que antes podiam ser remetidas aos “paes”, agora são remetidas somente a mãe, deixando claro que seu pai estava constantemente em viagens, e por alguns períodos morando na região de Chapecó onde iniciava a empresa colonizadora. Mesmo assim, Elza pergunta muito de seu pai, especialmente quando ele estava viajando para São Paulo, demonstrando a saudades e vontade de ver algum familiar logo.

O teor das cartas não muda muito, apenas se tornam um pouco mais longas pois a jovem passa a escrever mais detalhadamente seu cotidiano e relações com a escola. Continua perguntando sobre sua família, tios e tias, avós e avôs, primos e amigas.

Fica evidente no período em que Elza inicia no colégio de Sion em São Paulo que uma das maiores dificuldades de Elza na troca de correspondências nesse momento era a manutenção do pacto epistolar, pois muitas vezes ficava semanas sem respostas de sua mãe, mesmo pedindo em quase todas suas cartas que ela escrevesse constantemente e cartas longas, aparentemente, poucas eram as respostas recebidas por Elza: “Creio que já esqueceste de tua filhinha, não é assim? Pois, a quasi um mez que não recebo cartas, e as saudades são tantas! ” (BERTASO, E., 30-07-1922. L). Por vezes essas cartas não chegavam a ela por culpa dos correios muito demorados, mas por vezes ocorria por conta da falta de tempo da mãe em estar escrevendo cartas a filha, pois o que realmente importava era saber que a filha estava bem, estudando, não necessariamente necessitava manter o contato frequente. Como forma de revolta a essa desatenção da mãe, Elza chegou a fazer algumas “greves” na produção de cartas à mãe.

Figura 10: Carta de Elza Bertaso à mãe, enviada antes de entrar no colégio, 1920. K



Arquivo do CEOM

Mesmo que sua mãe pouco responda, as cartas de Elza são bem formuladas e tomam proporções cada vez maiores: detalhe interessante é a relação que Elza tem com toda sua família, ela demonstra que se correspondia não somente com os pais, mas também com algumas

tias, e suas cartas sempre lembravam de tios, tias, avós, amigos, etc. Em uma de suas cartas de 1921 Elza lembra de tantas pessoas queridas a ela que quase ocupa toda sua carta:

[...]Como vae Agilbertinho? Ainda se lembra da madrinha? Dá por mim muitos beijinhos nelle.
 Imagino a alegria de Jayme ao ver Matheu. Como vae Nilo? Sempre muito arteiro? Edda está boazinha?
 Quando escreveres, mande-me dizer o nome da filhinha de Elvira.
 Dize a Nair que não escrevo lhe porque o regulamento proibe escrever a amigas.
 Muitas lembranças a Paulina, Nair, Judith, Dina, Ceci e a todas as amiguinhas.
 Recomendações a D. Carola.[...] (BERTASO, E., 1921. M)

É possível ver nesse trecho um pouco da relação escolar com a postagem de cartas, onde Elza afirma que não pode enviar cartas às amigas pois “o regulamento proíbe”, evidenciando uma regra escolar a qual até então não se tinha conhecimento. Elza aproveita esse momento para mandar lembranças a todas as suas amigas, as quais provavelmente veria apenas final do ano no período de férias letivas.

Como já comentado, Elza demonstrava gostar bastante do colégio de Sion, e tal relação parece influenciar na vontade da menina em relatar seu cotidiano escolar, pois nos anos que seguem a 1920 a 1923 Elza comenta com maior entusiasmo suas vivências na escola. Há maior detalhamento da vida escolar, ao mesmo tempo que ocorre momentos em que Elza relata estar sofrendo de nevralgias, dores causadas pelo estresse segundo seus relatos das cartas. Talvez esse estado de estresse estava relacionado a grande quantidade de tarefas escolares diárias que a garota tivesse, mas somente com as cartas não é possível ter certeza.

Contudo, mesmo tendo demonstrado gostar do colégio de Sion, enviar cartas através do colégio não parecia ser algo tão simples ou interessante para Elza: “Serafim esteve aqui domingo, e me prometeu que viria amanhã para buscar esta carta. Porque o que eu mais detesto é mandar carta pelo collegio.” (BERTASO, E., 1922. N). Utilizava assim, métodos para enviar as cartas por fora do sistema da escola, nesse momento enviando por ser irmão que tinha a possibilidade de sair do colégio para passeios. Mesmo enviando por fora do colégio, a carta de Elza não difere muito das outras enviadas pelo colégio, mas é possível notar que a menina se permite prolongar mais na escrita, detalhando com um pouco mais de cuidado suas novidades. Essa carta possui 4 páginas com um papel pardo sem timbre da escola. Pode ser que a menina tenha encontrado outros meios de enviar o correio por fora do colégio, mas não é algo que é contado na carta, somente nesse momento. A carta aparenta estar mais informal, seguindo aos padrões de escrita, mas com menor rigor, Elza não toma muito cuidado com os pronomes de tratamento para com a mãe como o faz em outras cartas, aparentemente está escrevendo com

menor rigor. Elza nessa carta também fala um pouco sobre seus gastos com médio e com materiais de pintura que havia comprado, algo que é interessante já que poucas vezes ela tenha falado sobre dinheiro e gastos com sua mãe.

Querida Mamãe.

Enfim tenho uns momentos para poder conversar contigo.

Como passam todos em casa?

Eu vou passando bem. Ha 3 dias pulando corda entortei o pé. Ainda esta um pouco inchado e a Irmã enfermeira “prometeu-me” um reumatismo para até o fim do inverno. Dia 2 fui ao medico para examinar meu ouvido. Fui ao doutor Linderberg, um afamado especialista, poz um aparelho no meu ouvido e com uma espécie de lente olhou, receitou e 20\$000.

Disse que é o nervo que está irritado por causa da nevrálgia. E este nervo parece não estar disposto a fazer as pazes com os dentes porque de vez em quando ainda dá sinal de vida.

Mínhas ferias estão bem preenchidas: imagina que estamos preparando uma festa para as Irmãs *conversas* (Irmãs de serviço) para o dia 24.

Tenho três papeis bem compridos, vou tocar, cantar, etc.

Todas as manhãs estudo uma hora de piano, e temos uma hora de pintura. Já fiz 3 quadros á aquarela, e comecei a pintar a oleo. Comprei uma caixa de tinta a oleo que eu não tinha custou 140\$000, carissima mas muito boa. Este anno temos exposição.

[...] (BERTASO, E., 1922.O)

Apesar de tantos anos de prática, Elza poucas vezes escreve cartas mais longas, e quando ocorre é porque percebe que houveram “grandes” acontecimentos na escola, relatando somente as reais novidades, sem deixar entender o que era comum. Além disso, suas cartas ainda não chegam a ter um formato de conversa contínua, pois não há uma ligação necessária entre cada assunto, não é contínuo, é encerrando e iniciando os assuntos abruptamente com paragrafo novo, sem realizar reflexões complexas ou expressar muita opinião sobre o que informou. Logo, suas cartas nunca perdem o tom informativo e de relato, mesmo que nesse momento já não seja tão rigidamente acompanhada pela instituição escolar quanto nos primeiros anos.

Elza está sempre bem focada em contar sobre sua saúde e estudos, mantendo os pais informados sobre como andas e mantendo o contado com toda a família da melhor maneira que lhe é possível.

3.2 CARTAS DE SERAFIM BERTASO

3.2.1 Primeiras Cartas 1920 a 1922

Assim como sua irmã Elza, Serafim Bertaso teve que sair de casa ainda criança para estudar em uma escola adequada aos padrões exigidos pela família. Contudo, Serafim sai de casa com aproximadamente 10 anos, já mais velho que Elza que havia saído de casa com apenas 9 anos. Serafim demonstra bastante dificuldade para se acostumar com a nova escola e com a nova vida, a distância e saudades dos pais lhe afetavam imensamente, tanto que no primeiro

ano, toda carta possuía um lamento aos pais com “estou com saudades”. Além disso, a carta de Serafim possui maiores laços com o passado, lembrando muitas vezes de suas brincadeiras com o irmão e primo.

No ano de 1920, se tem acesso a apenas 6 cartas de Serafim, provavelmente o menino tenha remetido mais cartas a seus pais, mas não estão inclusas no acervo. Mesmo tendo iniciado sua escolarização fora de casa com uma idade superior a da irmã quando ela saiu de casa, Serafim Bertaso em 1920 com 10 anos escrevia cartas muito mais infantil do que sua irmã com a mesma idade, tanto no conteúdo com inseria na carta quanto na gramática e usos das palavras. Serafim demonstrava dificuldade na gramática portuguesa da época, além de dificilmente escrever cartas bem padronizadas segundo as normas epistolares. Demonstrando que ainda estava desenvolvendo sua prática de escrita de cartas, pois diferente de sua irmã, ele até então não tivera tamanha necessidade de se corresponder com alguém como naquele ano.

Querida mamãe

Recebi tua cartinha no dia 5 de julho, cha te escrevi 2 cartas não recebeu nem uma delas fiquei muito sentido de não receber nem uma dellas na primeira carta que eu recebi da cenhora não pude me contentar de não chorar pois sinto saudades pois nunca estive tão longe de casa. (BERTASO, S., 1920. F)

Esse trecho da carta de Serafim, é um bom exemplo das questões apresentadas sobre suas cartas do ano de 1920: as saudades e dificuldade em se acostumar com a nova rotina; problemas gramaticais, a falta de usos de pontuação, como a escrita errada de palavras como “cenhora” (senhora) e “cha” (já), o que reflete o nível de alfabetização do garoto no período. Além disso os assuntos de suas cartas permeiam muito sobre a saudades de casa e de suas amizades com os irmãos Jayme e Ary, ou do amigo Nilo, lembrando das brincadeiras que tinham em casa. Pouco falava no primeiro ano sobre sua vida escolar, deixando perceptível que para ele questões que envolviam a escola não possuíam importância suficiente para adentrar na carta, utilizando o pouco espaço do papel para lembrar daqueles que seriam especiais ao menino.

Na carta enviada por Serafim dia 22 de julho de 1920 é possível notar as características físicas da carta. O papel pardo sem qualquer timbre; a caligrafia ainda não muito agradável e a escrita com vários erros gramaticais. Não há muita pontuação e a separação dos assuntos nem sempre ocorre.

Figura 11: Carta de Serafim a mãe. 1920. O

Arquivo do CEOM

Curitiba 22 de julho de 1920
 Querida mamãe! Recebi tua cartinha
 no dia 22 de julho fiquei contente
 que tu ~~seja~~ esta contente eu também
 esto contente de saber que o Jaime
 vai e tu também o d'inho brinca
 muito com o Jaime elle ainda
 não brigou com os seu amiguinho
 o Ary te manda lembranças
 ainda não recebeu noticias do papae
 as ferias começa no dia 30 de outu
 br dis ao papae que venha me busca
 no dia 15 e se sente. Abuitas saudades
 de todos vós porque não vens mora em
 Curitiba dis ao papae que ~~seja~~ arranje
 para vim para Curitiba sem
 mais nem menos. Receba um abraço
 de teu filho Serafim

Quando vai estudar em São Paulo em 1921 no Ginásio Anglo Brasileiro, Serafim remete 32 cartas a sua mãe, número bem maior que no ano anterior. Nessas cartas Serafim já fala um pouco menos sobre sua antiga vida na casa dos pais, falando um pouco mais sobre seu cotidiano escolar, especialmente quando havia dias diferenciados como de desfile do batalhão, ou saídas à passeios, ou quando falava dos exames finais da escola, demonstrando a preocupação que tinha sobre elas.

Sabbado eu sahi e fui visitar a Elza, ella manda lembranças, assim como eu

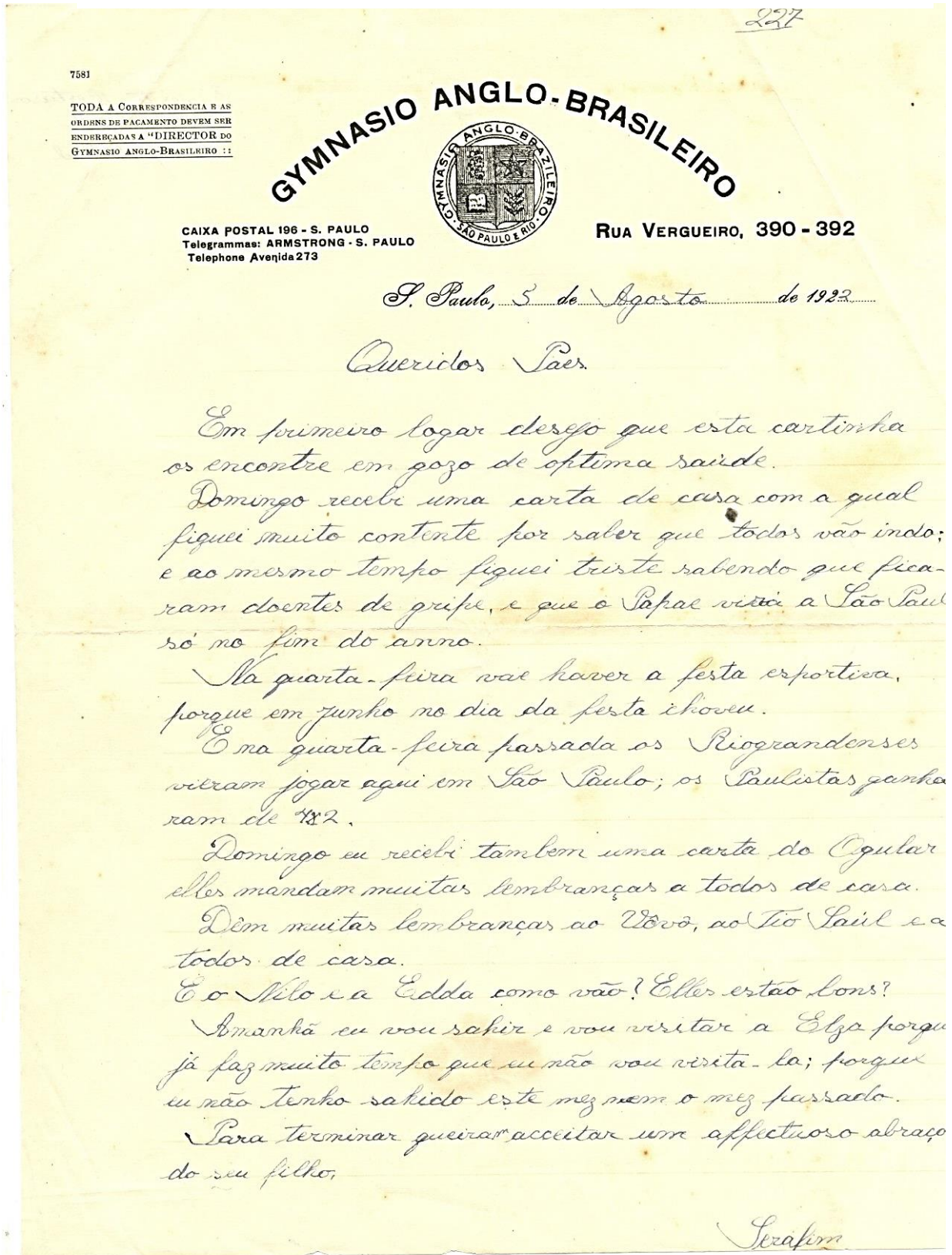
Os exames orais começarão no dia 3 de Novembro, os escritos começarão no dia 12; e os exames começarão no dia 19
Eu estou com muito medo dos exames. (BERTASO, S., 24 de outubro de 1921. Arquivos do CEOM)

É evidente a mudança na forma de escrita das cartas de Serafim nesses três anos (1920 a 1922), pois suas primeiras cartas são curtas e diretas, com muitos erros gramaticais, inexistência de pontuação em seu primeiro ano escolar. Mas conforme passa os anos, as cartas se tornam mais longas, possuem uma letra mais agradável, não ocorre tantos erros gramaticais, além das formas de tratamento dos conteúdos, separando cada assunto com parágrafo novo. Há também ocorrência de novos assuntos: ele fala muito sobre suas saídas do colégio e sobre futebol, jogos entre seus amigos ou de campeonatos do Brasil.

Quando Serafim se propõe a falar sobre algum parente, dificilmente cita nomes, dizendo como no exemplo da carta a seguir, em que ele manda “lembranças ao vovô, ao tio Raul e a todos de casa”. Quando isso ocorre, é porque seus pais estão visitando esses familiares, ou porque remete alguma outra informação sobre acontecimentos e/ou lembranças na carta com essas pessoas.

A partir do ano de 1921 a 1922, as cartas de Serafim possuem um papel timbrado com o nome do colégio onde estudava, local para adesão da data e o número da caixa postal que a escola recebia o correio. Em 1922 Serafim remete 28 cartas para seus pais, e assim como Elza, reclama muito a falta de respostas de seus pais afirmando que pouco se sabe sobre a família e que as cartas que lhe enviavam eram muito curtas. Como a exemplo a carta de 8 de setembro de Serafim ao pai: “Diga para a Mamãe que me escreva mais seguido, porque si não eu fasso da moda da Elza só escrevo cartas quando recebe; e diga tambem que ella escreva uma carta mais ou menos como esta não de duas ou trez linhas.” (BERTASO, S., 1922. H)

Figura 12: Carta de Serafim aos pais. 1922. P



No ano de 1922 Serafim passa a falar mais sobre os dias de saída, possivelmente tenha tido mais oportunidades de passeio do que nos anos anteriores. Quando faz seus passeios normalmente Serafim vai ao cinema, palestrar ou visitar a sua irmã Elza no colégio dela.

Diferente de sua irmã que conforme os anos foram passando, não perdeu o costume de lembrar de seus tios, tias, avós e amigas; Serafim passou a falar menos de seus familiares, pedido em poucas exceções sobre alguma tia ou tio. Isso pode ser uma reflexão sobre a educação de formação a partir dos gêneros a que estavam ligados: Elza por ser mulher era educada para cuidar e manter a família sempre unida. Serafim por ser homem era educado para uma vida social, uma educação para seguir carreira em um emprego, sustentando sua família, mantendo-os dentro de um determinado grupo social.

3.2.2 Segunda Fase na Escrita de Serafim

Durante os anos de 1923 a 1925, Serafim não remete mais cartas aos pais, como já comentado, ele esteve durante esse período junto aos pais, segundo as cartas da irmã, possivelmente o menino Serafim desistiu de ir ao colégio de última hora. É possível que durante esse período de tempo Serafim tenha seguido seus estudos na cidade em que seus pais estavam morando. Mas de qualquer forma, quando volta a escrever aos pais, Serafim morava em Florianópolis, estudando no Ginásio Catarinense.

No ano de 1926 há apenas 7 cartas remetidas aos pais por Serafim, contudo, é provável que o menino tenha enviado bem mais do que apenas essas cartas. Mas as cartas não relatam somente o cotidiano de Serafim, pois junto com ele foi seu irmão Jayme, estando juntos na mesma escola Serafim se dispõe a falar um pouco de seu irmão também, contando como ele vai nas aulas e atividades que realizam juntos na escola ou durante as saídas.

Diferente dos anos anteriores Serafim em 1926, com 16 anos, passa a se demorar mais na escrita das cartas, relatando com maiores detalhes seu cotidiano escolar e atividades realizadas por lá. Até 1923 Serafim utilizava na maioria das vezes apenas uma folha para escrever o que precisava, mas em 1926 passa a usar 3 páginas, reflexo de seu interesse na prática. O papel utilizado por Serafim agora nesse período nem sempre possuía o timbre do colégio, sendo somente algumas delas.

Serafim se queixa muito no primeiro ano em Florianópolis de não poder jogar futebol por estar com o joelho machucado, e afirma aos pais que a maior novidade do colégio é sempre o futebol:

E Curityba como vae? Terá tão poucas novidades assim?

Quanto a mim, podem imaginar, as novidades daqui de dentro a não ser os jogos de foot-ball que são frequentes e muito divertidos para os alunos, mas para mim são um verdadeiro martyrio; pois delles não posso participar; mas já estou me conformando com a sorte.

Na quarta feira, “dia do soldado”, o gymnasio vae tomar parte na parada que vae haver.

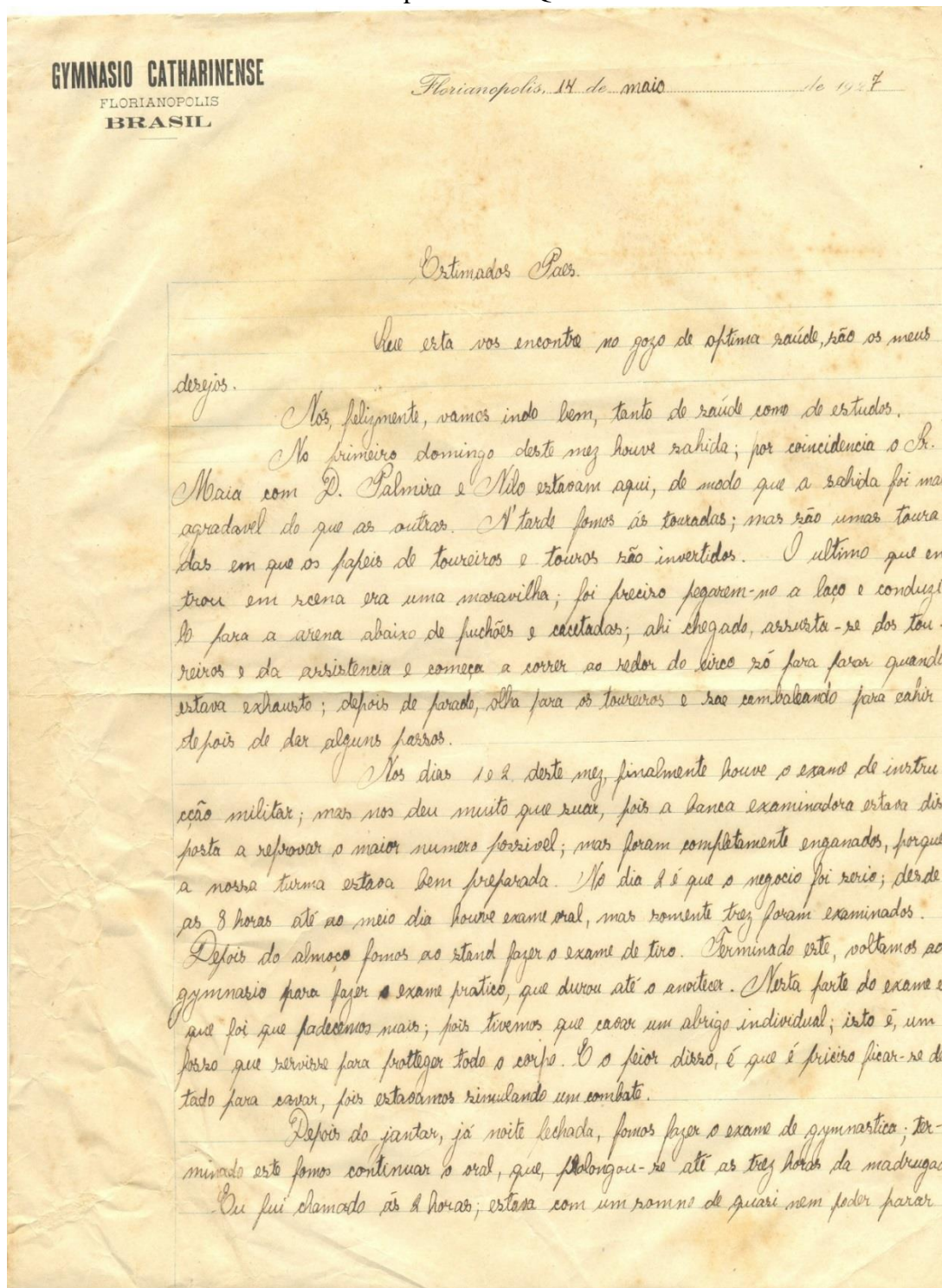
No dia 15 eu e o Jayme fomos admitidos na congregação Mariana. (BERTASO, S., 1926. I)

Mesmo que o único assunto de Serafim agora seja o futebol, ele consegue falar muito sobre o cotidiano escolar a partir de 1926, mas diferente do que teria sido as cartas dos irmãos Bertaso nos primeiros anos, a carta não aparenta ser utilizada simplesmente como forma de relato para os pais, é mais como forma de manutenção do laço e do pacto epistolar, como forma de manter e aumentar a conversa.

Do ano de 1927 há apenas 6 cartas de Serafim aos pais, já de 1928 há 18 cartas. Durante esses anos, a escrita de Serafim muda bastante: se no ano anterior as cartas de Serafim eram longas, agora se tornaram bastante extensa. Serafim descreve detalhadamente seu dia-a-dia, falando para sua mãe sobre suas atividades difíceis do colégio militar, descrevendo os exames e mesmo que reclame da falta de resposta de sua mãe, não é impedido de falar abertamente sobre como se sente sobre os acontecimentos escolares, sobre as aulas, e escolhas que faz ao longo delas. Outra diferença na escrita de Serafim nesses anos é a sua letra, ela fica menor, permitindo que escrevesse muito mais em pouco espaço de papel. A forma de separação de conteúdos segue o mesmo padrão dos primeiros anos, separando por parágrafo cada assunto.

Serafim também escreve muito para seus pais, não somente a mãe como no caso da sua irmã Elza, o menino se correspondia muito mais com seu pai em comparação com sua irmã. Aparentemente, ele possuía mais contato e possibilidades de conversar com seu pai, talvez seja por ser homem, o primogênito, o seu pai Ernesto se mostrava mais interessado ou aberto para saber sobre a vida de seu filho. Outra coisa que pode ter influenciado nessa escrita aos pais e não somente a mãe, é o fato de que Ernesto Bertaso estava nesse momento mais fixo na sua casa, deixando de ser caixeiro viajante e cuidando dos negócios mais plenamente com a empresa colonizadora de Chapecó, permitindo assim que seus filhos remetessem as cartas ao pai e a mãe ao mesmo tempo, pois os dois poderiam estar lendo juntos.

Figura 13: carta de Serafim Bertaso aos pais. 1927. Q



Arquivo do CEOM

Nas cartas que seguem o ano de 1927 a 1929, Serafim passa a escrever mais sobre suas experiências e opiniões, além disso, suas cartas parecem mais poéticas, ele escreve com tom suave e com frases mais complexas e bem formuladas. Ele não possui mais medo em expressar sua opinião, e a expressa de forma muito inteligente: percebe quando sua opinião pode ferir e sempre a justifica, evitando assim maiores problemas. Como no caso na carta de 9 de junho de

1928, quando Serafim conta sobre um problema que teve junto com seus colegas numa tarde de domingo ao irem ao cinema:

Domingo passado sahimos, e fomos almoçar em casa do Dr. Lessa. Passamos lá algumas horas bem divertidas. A' tarde fomos áemathinée, onde uma pequena aventura nos esperava. Digo aventura, devido ás consequências que acarreta, pois, de aven-tura é que não tem nada. Passamos a tarde no cinema, como sempre, desapercibidos e alegres e vol-tamos depois ao gymanasio. Mas eis senão quando no dia seguinte, se depara em nossas mãos “Folha Nova” com um artigo contra os alumnos do gymna-sio, chamando-os de moleques de gallerias, de minus-culaspessôas e outras qualificativas semelhantes, e, por fim, pedindo ápolícia que tomasse conta do caso. Afinal, has de perguntar, que foi? Na verdade, eu que estava no cinema, não te sei responder. Sei apenas que algumas moças queixaram-se na redação do dito jornal, acusando-nos de mil barbaridades. Mas isso não é nada, o pior foi as consequencias. Chegado o anuncio aos ouvidos dos padres, este prohibiramterminadamente nossa estrada do cinema, cortan-do-nos, alem disso, alguns outros privilegios. Onde iremos nós no metter, agora, nas longas tardes dos domingos de sahida? (BERTASO, S., 1928. J)

Fica evidente que Serafim envia essa carta reclamando e já justificando o ocorrido ao seu pai, preparando assim seus familiares à notícia que poderiam acabar lendo no jornal. Também utiliza como forma de afirmar como se sentiu injustiçado e passa a justificar o ocorrido afirmando que nada de errado havia sido feito pelos estudantes. Outro caso que podemos tomar como exemplo de expressão de opinião deixada por Serafim é na carta enviada a sua mãe dia 9 de outubro:

Depois de passarem varios dias numa vã espera de cartas tuas, resolvi, hoje, a lembrar-te que nos estão devendo a resposta de duas cartas; somente das duas ultimas minhas, sem contar as outras que escrevi antes e as que o Jayme e Plinio te enviaram. Quando estavas em Chapecó não nos escrevias por falta de assumpto; isto vi lá, comprehende-se, mas agora por-que não o fazes então? Será por excesso de noticias que não nos escreves, receando tor-nar-te muito longa?_ Duvido; creio, po-rém, que é outro o excesso que assim te faz a- agir: o de passeios prolongados. Antes não escrevias, mas tinhas uma secre-taria que o fazia por ti; agora, porém, ha uns dois mezes, nem esta da signal de vida. Será que todos estão conspirando contra nós? Comecei esta com a intenção de encher estas paginas todas de reclamações, mas vejo que o systema não dará resultado, pois, tambem não quero causar-te enfado e nem dar um fim trágico neste papel quando for parar em tuas mãos. (BERTASO, S., 1928. K)

Nessa carta Serafim está questionando a sua mãe a falta de cartas que o escrevem, justificando que enviara a família várias cartas ele, seu irmão Jayme e primo Plinio, e nenhum deles havia recebido respostas. Indignado aponta as justificativas que dava sua mãe em determinados momentos para a falta de cartas, mostrando que sempre havia uma nova desculpa, mas não a aceitando mais. Por momento Serafim escreve com certo tom de ironia como forma de provocação, mas encerra sua indignação justificando que nada iria resolver suas reclamações.

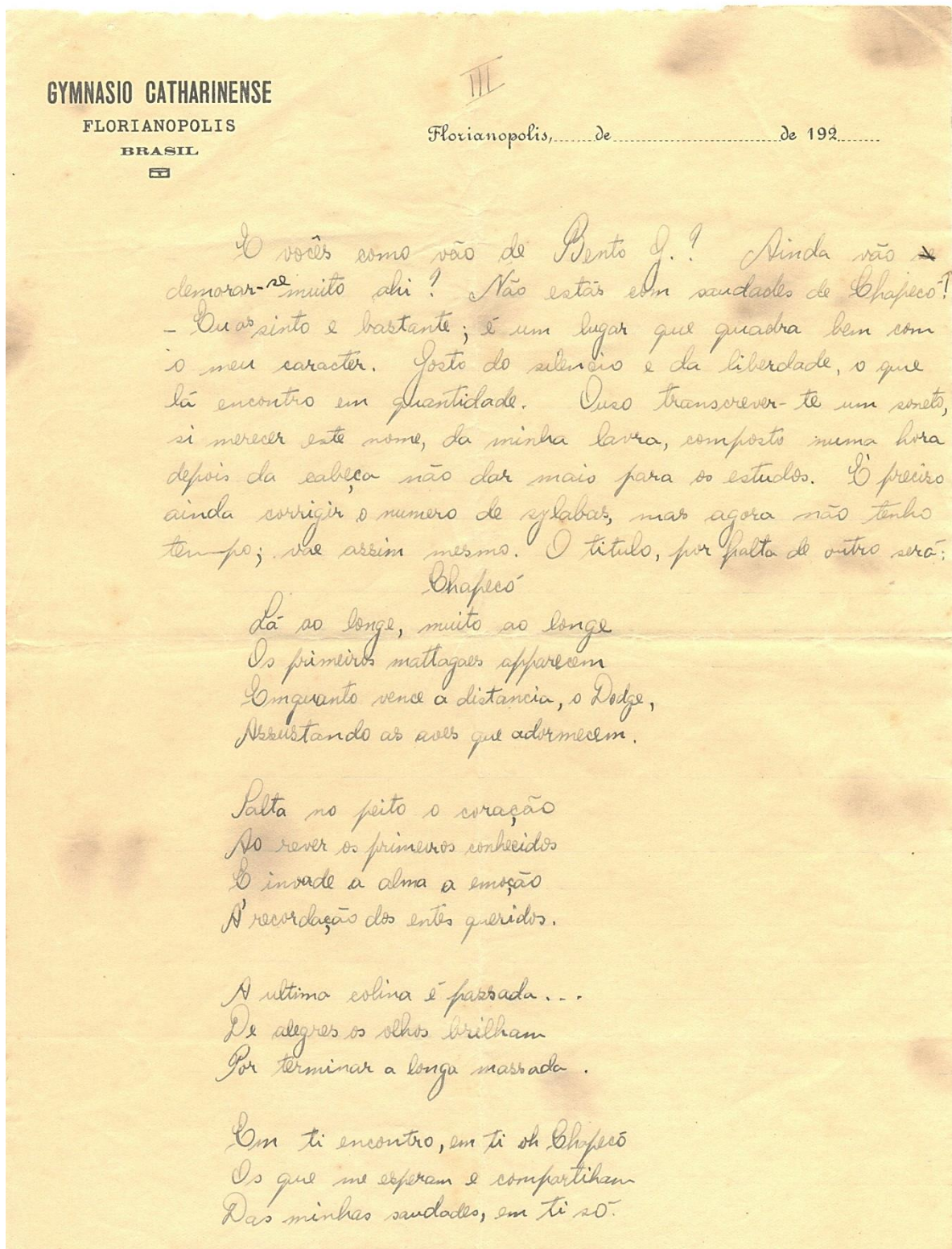
Um detalhe interessante que Serafim coloca, é que por um período de tempo sua mãe possuía uma secretária para auxiliá-la na escrita das cartas aos filhos, mas que desde muito tempo, nem ela não pudera escrever mais “Antes não escrevias, mas tinhas uma secretaria que o fazia por ti; agora, porém, ha uns dois mezes, nem esta da signal de vida.” (BERTASO, S. 1928. K). Os secretários eram muito comuns nesse período, especialmente entre famílias de uma elite que tivessem renda suficiente para terceirizar essas práticas.

Serafim se permite escrever mais abertamente sobre seu cotidiano do que a Elza, focando muito menos em uma conversa relembrando os familiares e tomando menor cuidado com os padrões de escrita. Além disso, os conteúdos que norteiam as cartas são mais variados, falando sobre futebol, sobre os passeios, saúde. Suas cartas se tornam longas e descritivas, possuindo devaneios de lembranças, pensamentos, poemas. Tais considerações podem estar relacionadas ao fato de Serafim viver de forma mais isolada, em internato com poucas relações familiares, e acaba utilizando a carta familiar quase como um diário, onde expressa opiniões, reflexões e especialmente relatando detalhadamente acontecimentos a que lhe interessam contar.

Serafim também tem mais liberdade para falar sobre seus gastos mensais, talvez seja como forma de relatar aos pais com o que havia gasto seu dinheiro, ou como forma de refletir sobre suas ações e escolhas. Além disso, Serafim utiliza de seus aprendizados sobre escrita e produção textual aprendidas durante o período escolar para produzir uma boa carta, ele consegue seguir cada vez de forma mais qualificada os padrões de escrita segundo os secretários da época. Isso é perceptível ao ler a carta e em poucos momentos é possível sentir a mudança de assunto de forma brusca: está tudo interligado como um texto, uma conversa. E quando ocorre mudanças bruscas é porque determinado assunto já estava encerrado para ele.

A carta abaixo compõe parte de uma das longas cartas de Serafim do ano de 1928. Possui 5 páginas, onde o jovem traz variadas questões que nos permitem refletir sobre sua relação familiar, relação escolar, etc. ele também chega a escrever cartas ainda mais longas, com até 10 páginas. Diferente de Elza, o menino se permite escrever incansavelmente, “até fatigar-se de tanto sujar papel”. (BERTASO, S. 1928. L)

Figura 14: Carta com poema "Chapecó" escrito por Serafim. 1928. M



Arquivo do CEOM

Por fim, podemos utilizar as cartas de Serafim e Elza para analisar como iniciaram a produção da escrita de si, se ela realmente ocorreu durante a escrita de cartas, e como cada um

deles conseguiu utilizar do curto espaço de papel para realizar suas reflexões e tentativas de encontro com suas subjetividades.

3.3 QUESTÕES DE GÊNERO E A ESCRITA DE SI

A produção de cartas no século XIX chamou muito a atenção de historiadores e biógrafos por conter uma prática diferenciada de escrita, a chamada escrita de si. Essa prática presente mais comumente entre cartas de escritores e intelectuais torna-se interessante pois os autores buscam refletir sobre suas ações, existência e reproduzem suas interpretações interiores sobre si na escrita da carta. Essas cartas tomam então não só as comuns perguntas sobre o outro, ou relatos diários, mas expressam a visão do autor sobre os acontecimentos, reflexões que ele faz sobre suas experiências. Dessa forma:

O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’ mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. (GOMES, 2004, p. 15)

No caso da narrativa epistolar de si próprio, “trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se envolve para si próprio quando se aferem as ações quotidianas às regras de uma técnica de vida.”, (FOUCAULT, 1992, p. 11) A escrita de si é a tentativa de agradar aos olhos do leitor, ao mesmo tempo que utiliza de certa arrogância e utiliza as linhas para fazer reflexões e descrever sobre suas vivências e experiências. Não escrevendo somente o que viveu, mas expressando seus sentimentos sobre tais vivências.

As cartas de Elza e Serafim, podem ser classificadas de duas formas: cartas familiares e cartas íntimas, dependendo do momento e qualidade tomada na escrita. Vemos anteriormente que as cartas ainda não compunham um acervo de grandes epistológrafos, pois suas cartas por vezes não seguiam a padrões epistolares, possuíam graves erros gramaticais, afetando a qualidade das cartas. Da mesma forma, especialmente as primeiras cartas tanto quanto de Elza quanto de Serafim, não possuíam grandes reflexões sobre o que chamamos de escrita de si, mas podemos perceber que há um início, ou um ensaio daquilo que futuramente poderia se transformar em uma escrita de si.

Pois podemos perceber a escrita de si não somente como um ato de profundas reflexões sobre o “eu”, mas também como forma de exame, de escolhas das vivências a serem lembradas e tomadas como importantes para sua história pessoal e vivência. Teriam sido capazes de se aproximar a uma escrita de si os irmãos Bertaso? E até que ponto as influências sobre as

questões de gênero teriam influenciado na prática de escrita de si ou na inexistência dela? Como já observado nos capítulos anteriores, Elza esteve quase todo momento escrevendo suas cartas como forma de relato diário, buscando manter a relação familiar a partir da troca de correspondências. Mas teria havido momentos em que teria expressado suas opiniões e pensamentos sobre suas vivências, teria sido capaz de escrever sobre si?

Provavelmente o que passa nas cartas de Elza e Serafim é um ensaio, pois a escrita epistolar na infância exigia primeiramente o conhecimento gramatical e das normas epistolares, aos quais as crianças até certa idade ainda não tinham o domínio. Contudo, conforme foram crescendo, estabelecendo opiniões, percebendo como suas vivências alteravam seus cotidianos, foram começando, mesmo que sem perceber, a escrever sobre si.

Quando escreve a sua mãe em 1922, Elza afirma: “Já começamos os estudos. A entrada foi ontem. Estou contentíssima porque já começou o mez de julho, agora só penso na chegada de papae. As saudades são tantas!” (BERTASO, E. 1922. P) Como a maioria de suas cartas, Elza não se demora na sua opinião e sentimentos pessoais, ela conta como se sente, e o que pensa, mas de forma rápida e aparenta ter um ar impulsivo. É dessa forma que Elza escreve sobre si, é nos entremeios do relato cotidiano que Elza se expressa, que coloca seus medos, aflições, alegrias, comemorações, etc. Não são longas expressões, mas não perdem sua significação.

Pois a escrita epistolar é um exercício que exige a prática constante e retorno do correspondente, e a partir dessas condições é que “O uso do exercício epistolar prepara as novas formas de escrita de si, que paralelamente começam a desenvolver-se, e concorre com elas: memórias, narrativas de infância, lembranças, autobiografias” (DIAZ, 2016, p. 51) Contudo, até o ano estudado (1923 com 19 anos) esse teria sido o máximo de expressão de si que teria sido capaz de escrever.

Já nas cartas de Serafim a mudança, como observado anteriormente, teria sido muito mais evidente. É m questão de poucos anos de prática que o menino começa a se sentir mais aberto e com maior liberdade para expressar seus sentimentos e opiniões. Serafim se torna um jovem com muita opinião, e ele a expõe com determinação e as defende. Como por exemplo na carta de 1927 (remetida provavelmente a mãe, segundo as expressões contidas na carta):

Eu, nestes últimos dias parece que estou em brazas, ando numa ansiedade idenscriptível para poder partir. A minha vingança é estudar, tocar flauta, tomar chimarrão, para acele-rar o tempo. Imagina só si tiver que ficar aqui uma semana na espera vapor: acho que meterei a cabeça por estas paredes todas. (BERTASO, S. 1927. M)

O exemplo acima evidencia a clareza dos sentimentos de Serafim e a vontade de expressá-las. Diferente de Elza, Serafim se expressa sem entremeios, apesar de em vários momentos justificar suas angústias e opiniões para evitar problemas.

Mesmo que por muito tempo a história compreendeu que a produção de cartas era uma área de maior proximidade à escrita feminina, especialmente ao se tratar da escrita de si. Não é exatamente o caso encontrado nas cartas de Elza e Serafim. Vários motivos estudados podem ter acarretado essa forma de escrita: o fato de Elza ter estudado a vida toda em colégios internos e que estavam muito atentos a produção epistolar das alunas, Elza pode ter se acostumado e optado por uma escrita mais discreta e com menos expressão de opinião. Além disso, a distância e a falta de comprometimento no trato epistolar pelo lado da mãe, pode ter impedido que a filha sentisse abertura para assuntos mais profundos e/ou íntimos. Contudo, Serafim teria também passado pelo colégio interno e vivenciado o constrangimento da escrita vigiada. E isso esteve presente por três anos do período escolar. Mas o detalhe que nesse caso teria feito a diferença é o momento em que Serafim desiste de estudar em São Paulo, ficando na casa de seus pais por mais 3 anos. Logo, o menino teve tempo para se reaproximar da família e vivenciar novas lembranças junto dela. Quando Serafim volta a estudar no internato, mas agora em Florianópolis, ele já teria tido novas experiências junto de sua mãe e seu pai, teria aprendido mais sobre o cotidiano da família e saberia o que esperava ler sua mãe e seu pai.

Assim, quando escreve cartas aos pais, Serafim tem mais abertura a falar sobre sua vida e expressar suas opiniões, além disso, fica evidente que no novo colégio interno não há acompanhamento da produção de cartas pelos alunos, pois Serafim nesse período teria se correspondido com amigos, irmã e tios. Elza não havia tido essa liberdade nos anos escolares, não havia tido muito tempo com a família e uma aproximação íntima verdadeira.

Outra possibilidade que haveria influenciado na escrita de si entre as cartas de Elza e Serafim é o fato de Elza, como menina, estudava para ser mulher, mãe e dona de casa. Ela demonstrava isso em suas cartas, sua preocupação não era com seu eu, mas sim com sua família, com a saúde de sua mãe, irmãos, primos. Estava preocupada em saber que todos da casa estavam bem, que seu pai seguia feliz em seus negócios e escrevia sobre seu cotidiano para informar que seguia estudando para tornar-se uma boa moça, estudada e preparada para cuidar de um marido, dos filhos e ter os modos para uma vida social.

Serafim como menino, estava preocupado com sua formação, pouco lembrava da família, apenas dos mais queridos, como sua mãe, pai, Elza e sobrinhos que mais tarde teria. Assim, ele tinha maior liberdade em estar se estudando e refletindo sobre sua educação, sobre

suas experiências. Como homem, teria mais liberdade para expressão essa que seria de grande importância para sua futura vida pública que os pais esperavam que tivesse.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 1914 Elza é enviada pelos pais a Guaporé para estudar em um colégio interno, a mesma coisa ocorre alguns anos depois, em 1920, com seu irmão Serafim, mas que é mandado a São Paulo. Os dois irmãos, vindos de uma família com um poder social e aquisitivo muito alto e em crescimento, são distanciados por vários anos dos pais para terem uma educação “adequada” aos padrões de uma família de elite.

Nesse período em colégios internos, Elza e Serafim passam a se corresponder com seus pais, ambos impulsionados pela distância e com o estímulo da escola que utilizava da escrita epistolar como matéria educacional. Essa pesquisa teve o intuito de analisar a partir da prática de escrita infantil, quais as diferenças de gênero na escrita, percebendo a escrita de si, o pacto epistolar, e como as relações familiares e escolares moldaram e influenciaram certos modos Elza e Serafim Bertaso.

Para isso, foi investigado como era a instituição familiar no século XIX e XX, adentrando na família Bertaso, pensando como o pacto epistolar poderia demonstrar e expressar essas relações dentro dessa família. Percebeu-se que para os pais, Ernesto e Zenaide Bertaso, as cartas enviadas pelos filhos tinham intuito de manter o contato entre a família, assim escreviam quando sentiam saudades ou para informar como andava as coisas na casa. Além disso, as cartas eram vistas como forma de relatório escolar, especialmente nos primeiros anos nos internatos dos dois irmãos. Pois muito essas crianças falavam sobre o que estavam aprendendo e como estavam de notas, para informar que os gastos familiares estavam gerando resultados. Dessa forma, o filho e a filha acabavam escrevendo e remetendo muito mais cartas do que seus pais, que lamentavam quando não recebiam cartas, mas pouco se preocupavam em estar se prolongando nas cartas aos filhos.

Outra questão analisada nessa pesquisa foi a relação escolar: Elza Bertaso passou por três escolas diferentes de 1914 a 1923, morando em Porto Alegre no colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, Curitiba e São Paulo no colégio Nossa Senhora de Sion. Serafim estudou em apenas dois colégios, morando primeiro em São Paulo no colégio Anglo Brasileiro e depois em Florianópolis no colégio Catarinense. Foi possível perceber que cada intuição possuía regras diferentes quando a produção de correspondências. No caso de Elza no colégio Bom Conselho tinha maior acompanhamento da escola, possuindo horários e locais de escrita, por vezes as professoras acompanhavam a escrita de cartas. Já Serafim nunca demonstrou ter acompanhamento das professoras ou horários de escrita, contudo, no timbre do colégio havia um pequeno comunicado que informava aos correspondentes que as cartas enviadas pelo

colégio estavam sujeitas a análise e leitura da direção da escola, além disso os alunos podiam apenas se corresponder com os pais. No colégio de Sion, Elza já não era mais acompanhada pelos professores na escrita de cartas, contudo, em uma de suas cartas ela afirma não gostar de enviar as cartas pela escola, pedindo que seu irmão poste no correio para ela. Ou seja, talvez seja pela demora, ou pela possibilidade de as cartas serem lidas por alguém do colégio, Elza buscou formas de enviar as cartas por fora da escola. Por fim, Serafim no colégio Catarinense demonstra ter total liberdade na escrita de cartas, escrevendo cartas longas e descritivas, muito diferente das cartas enviadas pelo colégio anterior.

Ainda analisando a questão escolar, refletiu-se sobre o currículo ofertado pelas instituições, quais as matérias cursadas por Elza e Serafim, e notou-se que cada um teve uma educação formadora para aquilo que seguiriam no futuro. Elza recebia uma educação feminina, voltada aos cuidados da casa e da família. Ela aprendeu matérias de cunhos gerais, como história, matemática, gramática, etc., mas também estudou matérias como atividades com a agulha, ginástica de salão, ginástica sueca, e matérias de cunho religioso. Elza seria capaz de educar seus filhos para a sociedade, cuidar do marido, costurar as roupas, manter a família próxima a igreja e a deus. Serafim cursava matérias de cunho militar e que lhe preparassem para cursar a graduação: como física, química, história geral, instrução militar. Preparando-o para uma futura profissão de cunho elevado, uma vida pública e com conhecimento político.

Por fim, se analisou a escrita de cartas dos irmãos como uma prática, esmiuçando desde os problemas gramaticais, os usos das normas padrões e as fugas, os assuntos e materiais de escrita. Percebeu-se que nos primeiros anos de produção de cartas de Elza e de Serafim as cartas de ambos tinham formas muito semelhantes: escritas em papel com timbre escolar, seguiam atentamente as normas dos secretários, contavam sobre sua saúde e cotidiano escolar. Mas, conforme o passar dos anos e mudanças de escola a forma de escrita das cartas mudam bastante. Elza escreve mais que anteriormente, mas pouco se permite opinar sobre seu cotidiano, quando opina é de forma rápida e entremeios a outras informações, nunca é a parte de maior destaque na carta. Já Serafim passa a se desdobrar na escrita de suas cartas, escrevendo várias páginas sobre seu cotidiano e vivências expressando com clareza suas opiniões.

Elza poucas vezes permite-se demorar tanto em suas cartas, até mesmo nas cartas de seu último ano escolar, e mesmo após casada, longe da escola, suas cartas normalmente se restringem a uma média de quatro páginas. Sem esquecer que Serafim também traz sua fé na escrita das cartas, sua educação também possuía teor religioso, mas fica claro que o foco de sua escrita não é esse, o mesmo ocorre quando ele remete a família.

Por fim o que se percebe é que a escrita de cartas dos irmãos Elza e Serafim refletiu muito daquilo que estavam sendo educados a se tornar. Elza como menina, expressava muito suas emoções e sentimentos, especialmente quando estava relacionado a questões familiares. Elza nunca esquecia da família ao escrever as cartas, e a cada dia um novo membro era lembrado, contudo pouco falava sobre si, não era necessário. Serafim, como menino, se importava menos com os familiares externos a sua casa, e ao escrever suas cartas tomava para si certa arrogância para poder expressar suas opiniões e poder escrever tudo aquilo que vivenciava, Serafim seria o pai responsável em cuidar dos negócios familiar, de tratar de política e da vida pública.

FONTES:

BERTASO, Elza. Boletim Escolar do Colégio Nossa Senhor do Bom Conselho. 1915. Arquivo do CEOM.

BERTASO, Elza. [Carta] 1918, Curitiba [para] Mãe, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. A

BERTASO, Elza. [Carta] 17 nov. 1915, Porto Alegre [para] Pais, [s6]. 1p. Arquivo CEOM. B

BERTASO, Elza. [Carta] 2 jun. 1918, Curitiba [para] Pais, [s2]. 1p. Arquivo CEOM. C

BERTASO, Elza. [Carta] 15 jun. 1915, Porto Alegre [para] Mãe, [s2]. 1p. Arquivo CEOM. D

BERTASO, Elza. [Carta] 24 abril. 1914, Bento Gonçalves [para] Mãe, [s1]. 1p. Arquivo CEOM E

BERTASO, Elza. [Carta] 3 abr. 1915, Porto Alegre [para] Mãe, [s2]. 1p. Arquivo CEOM. F

BERTASO, Elza. [Carta] 20 set. 1916, Porto Alegre [para] Mãe, [s2]. 1p. Arquivo CEOM. G

BERTASO, Elza. [Carta] 20 ago. 1922, São Paulo [para] Mãe, [s3]. 1p. Arquivo CEOM. H

BERTASO, Elza. [Carta] 19 out. 1914, Bento Gonçalves [para] Mãe, [s6]. 6p. Arquivo CEOM. I

BERTASO, Elza. [Carta] 22 ago. 1915, Porto Alegre [para] Mãe, [s2]. 1p. Arquivo CEOM. J

BERTASO, Elza. [Carta] 14 mar. 1920, São Paulo [para] Mãe, [s1]. 1p. Arquivo CEOM. K

BERTASO, Elza. [Carta] 30 jul. 1922, São Paulo [para] Mãe, [s3]. 1p. Arquivo CEOM. L

BERTASO, Elza. [Carta] 10 jul. 1921, São Paulo [para] Mãe, [s1]. 1p. Arquivo CEOM. M

BERTASO, Elza. [Carta] 20 jun. 1922, São Paulo [para] Mãe, [s4]. 4p. Arquivo CEOM. N, O

BERTASO, Elza. [Carta] 2 jul. 1922, São Paulo [para] Mãe, [s3]. 1p. Arquivo CEOM. P

BERTASO, Elza. [Carta] 27 out. 1915. Porto Alegre [para] pais. [s3] 3p. Arquivo CEOM. Q

BERTASO, Elza [Carta] 13 ago. 1916. Porto Alegre [para] mãe. [s2] 1p. Arquivo CEOM. R

BERTASO, Serafim. Boletim escolar: Colégio Anglo Brasileiro. 1921. São Paulo. Arquivo CEOM.

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 26 ago. 1922, São Paulo [para] Pais, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. A

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 10 ago. 1922, São Paulo [para] Pais, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. B

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 16 out. 1927, São Paulo [para] Mãe, [s2]. 1p. Arquivo CEOM. C

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 26 fev. 1921, São Paulo [para] Mãe, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. D

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 2 mai. 1921, São Paulo [para] Pais, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. E

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] jun. 1920, Curitiba [para] Mãe, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. F

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 24 out. 1921, São Paulo [para] Mãe, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. G

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 8 set. 1922, São Paulo [para] Pai, [s2]. 2p. Arquivo CEOM. H

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 19 ago. 1926, Florianópolis [para] Pais, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. I

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 9 jun. 1928, Florianópolis [para] Pai, [sl]. 1p. Arquivo CEOM. J

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta] 9 out. 1928, Florianópolis [para] Pais, [s4]. 1p. Arquivo CEOM. K

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta][s/ data] Florianópolis [para] Pais, [s9]. 8p. Arquivo CEOM. L

BERTASO, Serafim Enoss. [Carta][s/ data] Florianópolis [para] Pais, [s9]. 8p. Arquivo CEOM. M

BERTASO, Serafim. [Carta] 26 fev. 1921. [para] pais. Arquivo CEOM. N

BERTASO, Serafim. [carta] 22 jul. 1920, Curitiba. [para] mãe. [s1] 1p. Arquivo CEOM. O

BERTASO, Serafim. [Carta] 3 ago. 1922, São Paulo [para] pais. [s1] 1p. Arquivo CEOM. P

BERTASO, Serafim. [Carta] 14 mai. 1927, Florianópolis [Para] pais. [s1] 2p. Arquivo CEOM. Q

REFERÊNCIAS

DIAZ, Brigitte. **O Gênero epistolar ou o pensamento nômade**. São Paulo: Edusp, 2016. pp. 272.

DAUPHIN, Cécile. POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa

Santos; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-74.

CARVALHO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; Cartas adolescente. Uma leitura e modo de ser.... In: MIGNOT, Ana Chrytina Venancio; BATOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do eu: Tecendo Educação, História, Escrita Autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. Cap. 2. p. 17-27.

CUNHA, M. T. S. Do Coração à Caneta: Cartas e diários pessoais nas teias do vivido (Décadas de 60 e 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, v. jul./dez., n. 59, p. 115-142, 2013

CONSELHO, Colégio N. S. do Bom. Programa escolar. [S/ data] Arquivo do CEOM

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo em Perspectiva**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 44-50, jun. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88392000000200007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200007>. Acesso em: 20 out. 2017.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)**. 2007. 421 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp058037.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fgy, 2004. p. 7-26.

GÓMEZ, Antonio Castillo. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: Upf, 2002. p. 13-74.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. São Paulo: Edusp, 2016.

HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. **Ernesto Bertaso, de Verona a Chapecó**. Chapecó: Argos, 2005. 327 p.

MALATIAN, Tereza. Narrador, registro e arquivo. p. 195 – 222. In: DE LUCA, Tania Regina, PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **O historiador e suas fontes**. Editora Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educação e religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. **Fazendo gênero: corpo, violência e poder**, Florianópolis, v. 8, n. 0, p. 1-5, ago. 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2017.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense,

1989. p. 99-124. Disponível em:

https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38965351/LIVRO_-_Psicologia_social_-_o_homem_em_movimento_-_LANE_Silvia_CODO_Wanderley_Orgs.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1510009088&Signature=oPwKLBnrCBB7GP6qQJONVyxgPkY=&response-content-disposition=inline; filename=LIVRO_-_Psicologia_social_-_o_homem_em_m.pdf#page=98. Acesso em: 06 nov. 2017.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales:** publicações acadêmicas, Minas Gerais, v. 1, n. 02, p. 1-25, out. 2012. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configurações-familiares-do-século-XX_fatima.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

SIMON, Paula. "**Queridos Paes**": uma história da escrita epistolar no Oeste Catarinense através das cartas de Elza Bertaso à sua família. 2015. [46f.] TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

SION (São Paulo) (Ed.). **Sobre o Sion:** Nossa História. Disponível em: <<http://www.colegiosion.com.br/sobreosion-nossahistoria.asp>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 11 jul. 2018.